PLANTAS ALIMENTÍCIAS & MEDICINAIS

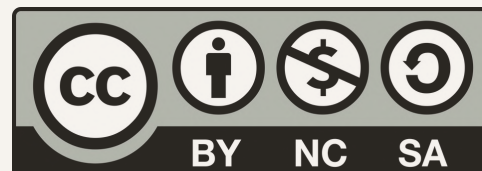
uma coleção viva e de uso múltiplo no Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Lippia origanoides Kunth

M. E. Rodrigues

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DO MEIO AMBIENTE
Joaquim Alvaro Pereira Leite

SECRETÁRIO DO MEIO AMBIENTE
Fernando Wandscheer de Moura Alves

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro

PRESIDENTE
Ana Lúcia Santoro

DIRETOR DE PESQUISA CIENTÍFICA
Renato Crespo Pereira

DIRETOR DE CONHECIMENTO, AMBIENTE E TECNOLOGIA
Marcos André Costa Gaspar

ORGANIZADORES
Viviane Stern da Fonseca-Kruel
Odara Horta Boscolo

AUTORES
Maria Eduarda Rodrigues Neves

PROJETO GRÁFICO
Maria Eduarda Rodrigues Neves

IMAGENS
Maria Eduarda Rodrigues Neves

ISBN
978-65-00-33794-5

P713 Plantas alimentícias & medicinais : Uma coleção viva e de uso múltiplo no Jardim Botânico do Rio de Janeiro [livro eletrônico] / Maria Eduarda Rodrigues Neves; [Organizadores Viviane Stern da Fonseca-Kruel, Odara Horta Boscolo] . – Rio de Janeiro: Ministério do Meio Ambiente, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2021.
63 p. : il. ; 128 MB ; ePUB.

Bibliografia.

1. Plantas alimentícias. 2. Plantas medicinais. 3. Etnobotânica. 4. Conhecimento tradicional. 5. Jardins botânicos. 6. Coleção temática. I. Neves, Maria Eduarda Rodrigues. II. Fonseca-Kruel, Viviane Stern da (Org.). III. Boscolo, Odara Horta (Org.). IV. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. V. Título.

CDD 581.632

Plantas alimentícias e medicinais: uma coleção viva e de uso múltiplo no Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Autor:

Maria Eduarda Rodrigues Neves
Viviane Stern da Fonseca-Kruel
Odara Horta Boscolo

Rio de Janeiro, 2021

20 espécies alimentícias, medicinais e nativas brasileiras

Ebook gratuito

ÍNDICE

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

A riqueza de usos de uma mesma espécie de planta, ao redor do mundo, pode ser extensa e impressionante. A história humana se mescla com a história vegetal ao longo de milênios de evolução. A cada experimentação de uso de uma planta, um conhecimento é gerado e um possível vínculo se forma. Plantas são selecionadas e descartadas para usos alimentícios, medicinais, religiosos, tecnológicos, entre outros. Assim, tais usos podem se perder no processo de construção social humana ou podem perdurar e se tornar um uso tradicional, repassado por gerações, compondo a história da etnobotânica, ciência que aborda a relação de plantas e seres humanos.

No caso de espécies alimentícias, algumas possuem um uso não convencional, ou seja, não sendo comum seu consumo em nossa rotina, podem ser chamadas de PANC. Embora as PANC tenham grande interesse atual, é necessária cautela no uso, pois algumas necessitam de processamentos e/ou preparos específicos para evitar ingestão de substâncias tóxicas (como no caso dos carás). É necessária, também, atenção para a correta identificação botânica das PANC (identificações errôneas podem causar problemas de saúde).

Neste sentido, esse material tem como objetivo compartilhar informações sobre 20 espécies vegetais, medicinais e também com potencial alimentício, presentes na Coleção Temática de Plantas Medicinais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ). Jardins botânicos estão majoritariamente localizados em regiões urbanas, o que os torna o lugar perfeito para a conscientização sobre o consumo de espécies alimentícias biodiversas. Através do e-book você poderá perceber que uma mesma espécie recebe diversas atribuições de uso, ou algo ainda mais interessante. Em alguns casos elas possuem o mesmo uso em diferentes lugares. Partindo do Brasil, mas não se limitando a ele, você encontrará espécies consumidas em diversos países. Vale lembrar que você pode vê-las de perto ao visitar o JBRJ.

Espero que esse conteúdo sirva para lhe aproximar das plantas e aguce sua curiosidade para com o mundo vegetal. Boa leitura e aprendizado!

ATENÇÃO: Este material pretende auxiliar na popularização da ciência, e principalmente compartilhar conhecimentos sobre o potencial alimentício e medicinal das espécies aqui selecionadas. Entretanto, antes de consumir PANC é imprescindível consultar um especialista, assim como identificar de maneira cuidadosa, e se informar com fontes seguras sobre as espécies de interesse ao consumo. Tal fato se dá pois algumas PANC podem ser confundidas, e/ou ainda causar danos à saúde humana. Logo, CAUTELA no uso das PANC!

ESPÉCIES ALIMENTÍCIAS E MEDICINAIS

M. E. Rodrigues

ABAJERU

Chrysobalanus icaco L.

M. E. Rodrigues

ABAJERU

Chrysobalanus icaco L.

Família: Chrysobalanaceae

Geralmente possui porte de arbusto, de folhas simples e alternadas. Suas flores possuem coloração branca e são pequenas, já seus frutos são arredondados e em tons de vermelho e roxo quando maduros. No Brasil, ocorre na Amazônia e Mata Atlântica, especialmente em áreas de restinga. Também ocorre naturalmente em outros países da América, como a Venezuela e Trinidad e Tobago, assim como em países da África.

Os FRUTOS são a parte **alimentícia** do abajeru, e parecem estar disponíveis de fevereiro a junho no Hemisfério Norte e de março a junho no Hemisfério Sul. A polpa é rica em água, fibras e minerais como ferro e cálcio, apresentando atividade antioxidante. A planta é amplamente consumida, muitas vezes até mesmo cultivada, por moradores de vilas rurais, comunidades de pescadores e comunidades indígenas no Brasil. O fruto pode ser consumido in natura, por exemplo como as maçãs, ou ainda em preparados, como geleias. Seu consumo também está presente em países como México, Panamá e Nicarágua, onde é inclusive comercializado. Está presente também no preparo de um prato típico do grupo étnico Itsekiri, na Nigéria , a “Sopa de pimenta”, que também leva outros ingredientes.

O uso tradicional **medicinal** é bem amplo, havendo registro do uso das FOLHAS, RAÍZES, CASCA E FRUTO. No Rio de Janeiro, comunidades de pescadores fazem uso medicinal das folhas para tratar diabetes e problemas renais, enquanto no Pará as raízes são utilizadas para tratar a diabetes, também em vilas de pescadores. No Ceará, os próprios frutos são utilizados como medicinais por comunidades indígenas. Enquanto que, na Nicarágua a decocção da casca é utilizada para tratar diarreia e, a das folhas, como adstringente.

Alguns outros usos do abajeru passam pela produção de tintura preta a partir do fruto, uso da decocção da casca para embeber redes e torná-las mais resistentes, planta para ornamentação, frutos como alimento para animais de criação, além de produção de bijuterias e como combustível madeireiro.

Observações: é possível que a espécie *Eugenia rotundifolia* Casa seja comercializada no lugar do abajeru em alguns lugares. Portanto, deve-se ter cuidado ao comprar os frutos como produto em feiras e mercados.

M. E. Rodrigues

ALECRIM-PIMENTA

Lippia origanoides Kunth

M. E. Rodrigues

2 ALECRIM-PIMENTA

Lippia origanoides Kunth

Família: Verbenaceae

M. E. Rodrigues

Arbustos bastante aromáticos, com folhas opostas e flores de coloração branca a rosada, em inflorescências pedunculadas, e seus frutos são secos do tipo esquizocarpo. Nativa das Américas. Se distribui por grande parte do Brasil, estando presente em áreas da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal.

Seu uso **alimentício** comum é a partir das FOLHAS como tempero aromático, como por exemplo o orégano. Quanto ao uso **medicinal**, são também as FOLHAS a parte utilizada, principalmente como anti séptico, porém comunidades ribeirinhas amazônicas também fazem uso do chá das folhas para tratar dor de estômago, e também gastrite e malária.

Algo importante a ser ressaltado sobre essa espécie é que ela se encontra na lista das plantas prioritárias para o Sistema Único de Saúde (SUS) e é recomendada pela Farmacopeia Brasileira.

M. E. Rodrigues

APERTA-RUÃO

Piper aduncum L.

M. E. Rodrigues

3 APERTA-RUÃO

Piper aduncum L.

Família: Piperaceae

Arbustos ou pequenas árvores, com folhas opostas, flores de coloração creme, em inflorescências em forma de espiga, e com frutos compridos e curvos. Sua frutificação no Hemisfério Sul ocorre entre novembro e janeiro. Nativa das Américas, possui ampla distribuição pelo Brasil, ocorrendo em áreas da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

M. E. Rodrigues

A sua INFLORESCÊNCIA é **consumida** como tempero na alimentação, a exemplo da pimenta do reino. Para fins **medicinais,** as partes utilizadas são as FOLHAS e as RAÍZES. Em comunidades quilombolas de Minas Gerais, as folhas são utilizadas para tratar dor de dente. Já em comunidades quilombolas da Bahia, o sumo das folhas é consumido para tratar verminoses e também utilizado para matar peixes. No Peru, é utilizada para tratar febre, dores nos ossos, artrite, reumatismo, gonorreia, úlceras, herpes e por ter efeito hepatoprotetor. No Equador, para tratar feridas. E ainda, nas Filipinas, é feita a decocção das raízes, para gargarejo e consumo no tratamento da dor de dente, e o suco de folhas trituradas, para colocar em feridas.

M. E. Rodrigues

ASSA-PEIXE

Vernonanthura polyanthes (Sprengel) Vega & Dematteis

M. E. Rodrigues

ASSA-PEIXE

Vernonanthura polyanthes
(Sprengel) Vega & Dematteis

Família: Asteraceae

Arbustos rizomatosos perenes, com caule de coloração acinzentada arroxeada, folhas simples em forma de lanças. Suas flores são em tom creme, reunidas em inflorescências do tipo capítulo, com frutos em forma de cipsela. Aparentemente, no Hemisfério Sul, sua floração ocorre de junho a agosto, com frutificação posterior. Nativa da América do Sul, presente na Bolívia e Equador, além de no Brasil, onde se distribui em zonas da Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica.

Sua parte **comestível** são as FOLHAS, usualmente consumidas após fritas ou empanadas. Quanto ao uso **medicinal**, são muitos pelo Brasil, utilizando as FOLHAS e RAÍZES. Em zonas agrícolas de São Paulo, e na área serrana do Rio de Janeiro, faz-se uso para tratar as vias respiratórias (como bronquite, tosse e resfriado), além de problemas digestivos. O chá das folhas é usado como diurético, e o chá das raízes para tratar tosse e gripe. Os brotos da planta são usados ainda em xaropes para tosse, ou chás para diarreia.

Uma curiosidade interessante é que essa planta é muito citada nas obras literárias do escritor mineiro João Guimarães Rosa (autor de livros como: *Grande Sertão: veredas*, *Sagarana* e *A terceira margem do rio*, que integra o livro Primeiras estórias (1962)).

Observações: deve-se ter cuidado para não confundi-la com *Vernonanthura ferruginea* (Less.) H. Rob, que possui folhas elípticas e fruto em cipsela setosa.

M. E. Rodrigues

CANA-DO-BREJO

Costus arabicus L.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

5 CANA-DO-BREJO

Costus arabicus L.

M. E. Rodrigues

Família: Costaceae

Erva terrícola ou aquática, de rizoma tuberoso e haste ereta, com folhas ovadas e espiraladas. Suas flores são brancas e dispostas em espigas com brácteas vermelhas, e frutos em cápsulas globosas, vermelhos, com sementes pretas e arilo branco. Nativa das Américas Central e do Sul. No Brasil, se distribui em áreas da Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal.

A parte **alimentícia** da cana-do-brejo são seus RIZOMAS, que possuem grande reserva de amido e são muito consumidos na Indochina. Para uso **medicinal,** são usadas as FOLHAS e o RIZOMA, com os mais diversos fins. No Brasil as folhas são usadas no tratamento de inflamações diversas e de febre por comunidades ribeirinhas do Amazonas; o chá das folhas é utilizado para dores reumáticas (inflamação) e como antitumoral em Pernambuco, além de para tratar infecções uterinas em comunidades em meio à Caatinga baiana; são utilizadas também para o tratamento de problemas renais no Pará, para tratar problemas do sistema genito-urinário no Rio de Janeiro, além de utilizadas por moradores de restingas no Rio de Janeiro, com banhos e chá das folhas, para tratar febre. Já o chá do rizoma é utilizado para tratar afecções nos rins na zona rural de Mato Grosso. Seu amplo uso se estende para outros locais do mundo. No Sumatra, por exemplo, a planta é utilizada pelo povo indígena Serampas como medicinal desde o final do século XVIII (por volta de 1780) e continua sendo utilizada atualmente. Além disso, ela está presente em um manuscrito médico medieval, de Nikolaos Myrepsos, um médico bizantino da corte de João III Ducas Vatatzes em Nicéia, no período (século XIII), sendo seu uso indicado para tratar dor abdominal, disenteria e disúria no período.

Vale citar ainda que ela é comumente utilizada para ornamentação, sendo ideal para jardins de sombra, e sua floração pode ser comercializada. Suas folhas são utilizadas ainda em rituais da religião Winti no Suriname, sendo vendida nos mercados locais.

M. E. Rodrigues

CHAPEÚ-DE-COURO

Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltdl.) Micheli

M. E. Rodrigues

6 CHAPEÚ-DE-COURO

Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltdl.) Micheli

Família: Alismataceae

Erva perene, terrícola ou aquática, com rizoma fusiforme, folhas ovaladas de ápice agudo e com veias evidentes. A inflorescência é do tipo cimosa, com flores pecioladas e frutos do tipo aquênio, com sementes castanhas e reniformes. Sua floração ocorre no verão no Hemisfério Sul, e no Brasil o pico é entre novembro e janeiro. Sua distribuição é cosmopolita e restrita às Américas. No Brasil ocorre na Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

Suas FOLHAS são consumidas como **alimentícias**, especialmente no sul do país, além de servirem como subprodutos na indústria alimentícia. Por exemplo, ela é a base dos refrigerantes "Mineirinho" e do "Mate-couro" de Minas Gerais, produtos comerciais famosos nacionalmente. Além disso, as folhas são boa fonte de manganês, ferro, potássio e cobre, sendo um bom suplemento alimentar. Usos **medicinais** estão presentes em diversos lugares do país, sendo utilizadas as FOLHAS ou a PLANTA TODA. No Rio de Janeiro, ela é utilizada para problemas renais e digestivos. No Mato Grosso, é feito chá para tratar fígado e rins. Já em Goiás é usada como depurativa, para reumatismo e sífilis. Em São Paulo os usos são múltiplos: infusão das folhas para queixas renais e hepáticas, dor de cabeça, dor de barriga, dor lombar, forte resfriado, diabetes, sedativo, vermes, decocção das folhas para tratar distúrbios renais e como analgésico. Ainda em Santa Catarina, são feitas garrafadas da planta toda para consumo, como fortificante. Pode também ser utilizada como ornamental em lagos, chafarizes e aquários.

Algo relevante a ser pontuado é que, na avaliação das plantas medicinais ameaçadas de extinção, o chapéu-de-couro é relacionado como prioritário para pesquisa e preservação nas áreas do Pantanal e Mata Atlântica. Por fim, deve-se ter cuidado na compra da planta em mercados e afins, uma vez que é possível encontrar produtos de má qualidade sendo vendidos.

M. E. Rodrigues

COENTRO-BRAVO

Eryngium foetidum L.

M. E. Rodrigues

7 COENTRO-BRAVO

Eryngium foetidum L.

Família: Apiaceae

Pequenas ervas bianuais ou perenes, de no máximo 50 centímetros, de caule ereto e muito ramificado, com ramos decumbentes. As folhas são simples e opostas, com margens serreadas. Inflorescência em capítulos, esverdeados, que se tornam cinzas na frutificação, com frutos brancos, papilados e globosos. Nativa das Américas e Sul da Ásia. No Brasil, ocorre naturalmente na Amazônia, mas se distribui por ambientes urbanos.

O consumo **alimentar** da espécie está em suas FOLHAS. Ela possui um cheiro forte e característico, e pode ser utilizada também como substituto do coentro comum. Muito consumida no Paraná, por ribeirinhos no Pará e cultivada em hortas domésticas no Norte, sendo utilizada como tempero para peixes na região amazônica. Na América Central, é comumente utilizada em sopas e pratos diversos e, na Índia, está presente como tempero em chutneys, saladas e comidas fervidas. As folhas são ricas em antioxidantes naturais, ferro, cálcio, além de carotenoides e riboflavina, apresentando maior concentração de nutrientes após um leve cozimento. Seus usos **medicinais** são extensos, e envolvem o uso das FOLHAS, RAÍZES e também SEMENTES. Primeiramente quanto ao Brasil, no Maranhão o sumo das folhas é utilizado no tratamento de doenças do aparelho auditivo. No Pará, são feitos xarope e maceração das folhas e raízes para tratar gripe e febre, através do consumo oral ou por meio de banhos, e ainda especificamente das raízes para tratar diarreia. Populações que habitam a região do Alto Rio Negro, no Amazonas, fazem uso das folhas para tratar problemas do sistema genitourinário. As raízes e sementes são utilizadas em problemas respiratórios. Na Índia as folhas são utilizadas para tratar problemas no fígado, ou então são misturadas a outros elementos para tratar diarreias e problemas estomacais, e pode ser ainda produzida uma pasta com a planta inteira para tratar feridas. Em Camarões, ela é utilizada em casos de envenenamento e gastrite, além do uso das folhas para tratar problemas de pele na forma de um emplastro. Na Nicarágua, é feita a infusão e decocção das folhas para uso terapêutico. É utilizada também no México por via oral para tratar dor de estômago. Em questões ritualísticas, as folhas são utilizadas em banhos contra o mau olhado por comunidades amazônicas do Pará.

CRAJIRU

Fridericia chica (Bonpl.) L.G.Lohmann

8 CRAJIRU

Fridericia chica (Bonpl.) L.G.Lohmann

Família: Bignoniaceae

Trepadeira arbustiva perene, com caule de porte lenhoso e folhas compostas bi ou trifolioladas, cartáceas e lanceoladas. Inflorescência do tipo tirso, com flores róseas pubescentes, frutos do tipo cápsula achatada, de superfície lisa e textura coriácea. No Hemisfério Sul, floresce em meados de setembro e novamente entre fevereiro e março. Nativa das Américas do Sul e Central, no Brasil ocorre naturalmente em áreas da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

O consumo **alimentício** do crajiru está em suas FOLHAS, muito utilizadas cozidas junto aos alimentos para dar coloração arroxeada ao mesmo, sendo uma boa fonte de ferro e vitamina B12. Seu uso **medicinal** é atrelado às FOLHAS, sendo amplo pelo território nacional, mas sobretudo no Pará, onde a planta pode ser chamada de "pariri", é comumente cultivado nos quintais e comercializado em mercados públicos, para o tratamento de anemias e hemorragias. Também no Pará, para o grupo indígena Munduruku, o crajiru é uma planta de grande valor de uso, utilizada para tratar dores de estômago, amebíase, lesões no corpo e anemia. No Amazonas, as folhas são preparadas em chá, banho ou sumo, principalmente para tratar inflamações, mas também para evitar filhos, tratar anemia e como cicatrizante, com destaque para o uso por comunidades ribeirinhas para tratar anemia. Ainda em Roraima, o chá das folhas é indicado para tratar infecções de garganta e inflamações no corpo. Raizeiros de Goiás indicam a decocção das folhas para aprimorar o sistema imune contra cânceres. É cultivada e comercializada como medicinal também no Acre. Pode ser cultivada ainda com fins ornamentais, como ocorre no sul do Brasil.

M. E. Rodrigues

PARIPAROBA

Piper umbellatum L.

M. E. Rodrigues

9

PARIPAROBA

Piper umbellatum L.

Família: Piperaceae

Subarbusto perene, ereto e ramificado, com hastes articuladas providas de nós bem visíveis. Caule ereto e pubescente. Folhas simples, alternas e cartáceas, arredondadas, com a face inferior mais clara que a superior. Inflorescência em espigas claras e cilíndricas, flores brancas e frutos de ápice truncado. Pantropical nativa das Américas, no Brasil ocorre naturalmente em áreas da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.

Suas FOLHAS são consumidas como **alimento** através do cozimento ou assadas no Brasil, assim como no Congo, onde são consideradas verduras e também condimento aromático. As folhas são ricas em proteínas e fibras, além de possuírem bom teor de cálcio e potássio. Os usos **medicinais** também envolvem as FOLHAS. No nordeste do Brasil, elas são encontradas à venda em mercados, com indicação do consumo do chá para tratar problemas no fígado. No Pará, as folhas são utilizadas para infecções na pele, misturadas a outros elementos, ou ainda é feita a decocção das folhas para tratar cortes e irritações na pele, contusões e entorses, e ingestão para febre e diarreia. Na Nigéria, elas são utilizadas para tratar dor de estômago, além de fervidas para tratar tosse e casos de tuberculose. Em Camarões, existe a crença de que a decocção de folhas pode ser utilizada para mudança de sexo no nascimento da criança, além de tratar hemorroidas, infecção mamária e acalmar as dores do parto.

M. E. Rodrigues

ERVA-LUISA

Aloysia gratissima (Gillies & Hook.) Tronc.

M. E. Rodrigues

ERVA-LUISA

Aloysia gratissima
(Gillies & Hook.) Tronc.

Família: Verbenaceae

Arbustos perenes de até três metros de altura, com ramos delgados e pendentes. Folhas simples opostas, aromáticas, e de coloração mais clara na face inferior. Inflorescência em racemos espiciformes, ereta, com flores brancas perfumadas. Nativa das Américas. No Brasil, ocorre naturalmente em áreas de Cerrado, Mata Atlântica e Pampa.

As FOLHAS e FLORES, ou ramos foliares floridos, no geral são consumidas como temperos **alimentícios**, especialmente em carnes como a de porco, sendo muito utilizada no sul do país. Na **medicina** tradicional, são utilizadas as FOLHAS para diferentes fins. Na Bahia, o chá é utilizado para tratar tosse e febre. Em Santa Catarina, populações rurais a utilizam para tratar febre. Populações caiçaras do Rio de Janeiro fazem uso das folhas para tratar dor no corpo, febre e dor de cabeça. Em Porto Alegre, elas apresentam uma diversidade de usos: para baixar a pressão, diminuir o colesterol, a dor de cabeça, a friagem e a dor de coluna, em afecções do estômago, gripe e sintomas de afecções respiratórias, além de problemas dos nervos. Ainda na Argentina, a planta é relatada com uso para tratar resfriados, como digestiva e também para “levantar os ânimos”.

Alguns outros usos incluem a ornamentação na forma de cercas-vivas, a mistura de suas folhas às da erva-mate para consumo do chimarrão no sul do Brasil, e também em banhos para atrair energias positivas em práticas religiosas, de matriz africana, no estado de Minas Gerais.

ERVA-MOURA

Solanum americanum Mill.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

11 ERVA-MOURA

Solanum americanum Mill.

M. E. Rodrigues

Família: Solanaceae

Erva anual ou de vida curta, ereta, ramificada e glabra. Folhas simples de forma oblonga. Inflorescência do tipo cimeira, com flores brancas de pétalas curvadas. Frutos do tipo baga e coloração púrpura (roxo escuro) quando maduros. Nativa das Américas, no Brasil ela ocorre naturalmente em áreas da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal, crescendo espontaneamente em áreas urbanas e agrícolas.

Existem algumas controvérsias sobre seu uso **alimentício** devido a sua possível toxicidade, porém existem diversas referências ao mesmo. As FOLHAS e os FRUTOS MADUROS são indicados para consumo, não devendo se ingerir os frutos quando ainda verdes. No Brasil, é mais consumida em Minas Gerais. Onde geralmente as folhas são utilizadas in natura em saladas ou cozidas. Os frutos são também consumidos in natura ou usados para recheios e coberturas, por exemplo de tortas, devido a sua coloração. Na África tropical, as folhas são consumidas cozidas, por exemplo em sopas. Existem relatos do consumo das folhas também na China e na Índia. Os frutos são ricos em antocianinas e antioxidantes, e as folhas em proteínas, cálcio e magnésio. O uso **medicinal** é atribuído também às FOLHAS e FRUTOS. No Brasil é utilizada por comunidades do entorno da Reserva Biológica do Tinguá, Rio de Janeiro, e na Bahia para o tratamento de asma em crianças. Seu uso medicinal se expande a diversos países. Em Porto Rico, as folhas e frutos são indicados para tratar problemas gastrointestinais. Na África tropical, a infusão das folhas é usada para tratar diabetes. Especificamente na Nigéria, eles são usados como tônico digestivo, diurético, depurativo e antiparasitário, além da remoção de tonturas devido à epilepsia e outros distúrbios. Na Colômbia, é utilizada para tratar feridas, alergias e inflamações na pele. E, na Guatemala, há o consumo da infusão das folhas para tratar diabetes, como na África.

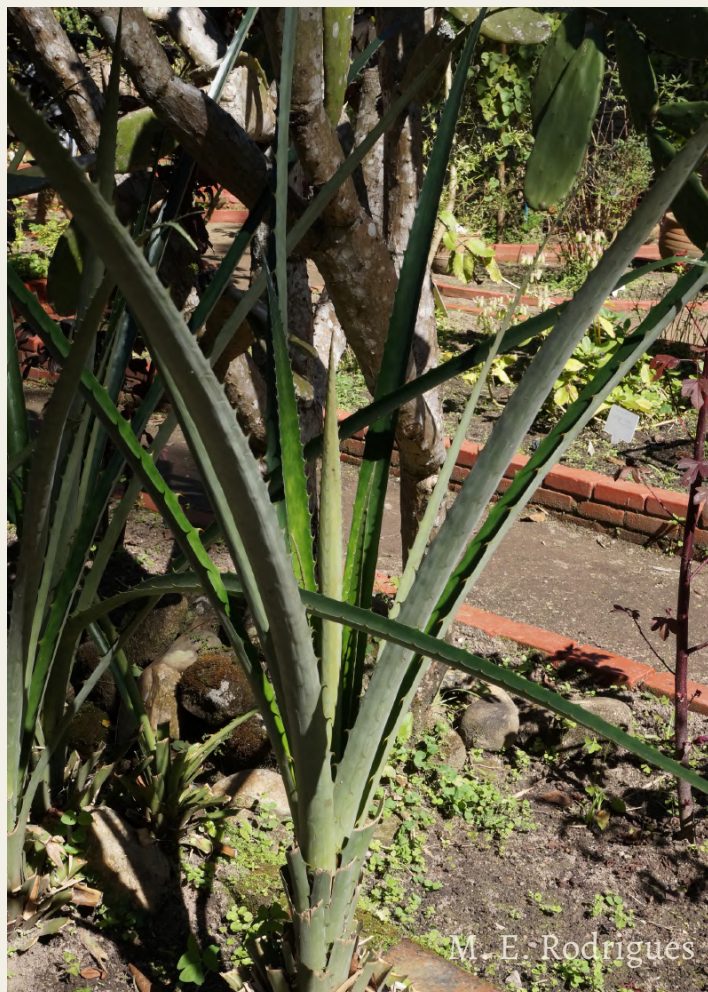
GRAVATÁ

Bromelia antiacantha Bertol.

12 GRAVATÁ

Bromelia antiacantha Bertol.

Família: Bromeliaceae

Erva perene de caule ausente. Folhas em rosetas, coriáceas, compridas e com margens cobertas de espinhos, de coloração vermelha quando jovens e verdes no ápice. Inflorescência com pedúnculo emerso da roseta foliar, do tipo racemo, e flores violeta, com brácteas brancas e vermelhas. Fruto do tipo baga ovalada, amarelos, de polpa suculenta e com sementes pretas. Sua floração no Hemisfério Sul ocorre entre dezembro e fevereiro, e a frutificação é de fevereiro a junho. Nativa da América do Sul, no Brasil ela ocorre naturalmente em áreas da Mata Atlântica e Pampa.

Os FRUTOS são comumente **consumidos**, in natura, em sucos ou como geleia. Eles são ricos em proteínas, potássio, manganês, cálcio e magnésio, além de ácido ascórbico e carotenóides, e possuem baixo conteúdo de carboidratos. São também os FRUTOS que detêm amplo uso **medicinal**. No sul do Brasil, são utilizados como tratamento principalmente para tosse, asma e bronquite. Em Minas, é produzido um xarope também para bronquite. E, em São Paulo, seu uso também é associado ao tratamento de asma e bronquite.

Outros usos atribuídos ao gravatá são para o paisagismo, em cercas-vivas, uso das fibras pela indústria têxtil e de seus frutos para fazer sabão.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

GUARANÁ

Paullinia cupana Kunth

M. E. Rodrigues

13

GUARANÁ

Paullinia cupana Kunth

Família: Sapindaceae

Arbusto ou trepadeira de caule pentagonal. Folhas pinadas, inflorescência axilar do tipo racemiforme, com flores branco amareladas. Frutos do tipo cápsula não alada, vermelhos, e sementes ovóides pretas com arilo branco. A floração ocorre entre julho e dezembro, mas o pico é em meados de setembro, com a frutificação sucedendo às flores. Nativa do Norte da América do Sul, no Brasil ocorre naturalmente apenas na região Amazônica.

Sua parte alimentícia são as SEMENTES, **consumidas** na forma de pó e xaropes, ricas em proteínas. É muito comum, por exemplo, ser misturado ao açaí. Contudo, deve-se ter cuidado no seu consumo por ser uma fonte de cafeína, sendo ideal não o misturar em grande quantidade com outros derivados. São também as SEMENTES que recebem atribuições **medicinais**. No Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, seus usos giram em torno da infusão das sementes como estimulante, energético, para tratar a fadiga e ainda como estimulante sexual. O guaraná tem seu uso energético reconhecido ainda em outros lugares do mundo, como a Bulgária, demonstrando sua globalização.

M. E. Rodrigues

JURUBEBA

Solanum torvum Sw.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

14 JURUBEBA

Solanum torvum Sw.

Família: Solanaceae

Arbusto de caule glabro, de folhas simples ou lobadas, com tricomas em ambas as faces e tomentosas. Inflorescência do tipo cimeira, pedunculada, flores brancas e de forma estrelada. Frutos globosos, de coloração verde ou esbranquiçada, com sementes achatadas e reniformes. Existem dúvidas sobre a procedência dessa espécie, se ela seria nativa das Américas ou das Índias Ocidentais, porém o que se sabe ao certo é que sua distribuição é tropical. No Brasil, ela ocorre naturalmente em áreas da Mata Atlântica.

M. E. Rodrigues

Suas FOLHAS e FRUTOS são consumidos como **alimento**. No Brasil, os frutos são condimentares. Na Índia, eles estão presentes em molhos. É feito suco a partir dos frutos e eles são ainda consumidos in natura quando verdes. A jurubeba é rica em vitaminas A e C, além de ferro, magnésio, fósforo e zinco, e seus frutos são uma excelente fonte de antioxidantes naturais. O uso **medicinal** da espécie é amplo e variado, envolvendo os FRUTOS, FOLHAS, RAÍZES e SEMENTES. As folhas são utilizadas em Gana para tratar tuberculose, ou então é feita a decocção dos frutos e folhas para tratar especialmente a malária, ou ainda aumentar a produção de células sanguíneas, tratar gripe, tosse, micoses e sinusite. A decocção das folhas é utilizada nas Filipinas para tratar ataques epilépticos. Ainda as folhas são utilizadas por tribos de Sumatra do Norte, Indonésia, como medicamento para os olhos, contra envenenamento e veneno de inseto. Na região do Himalaia, o fruto, raiz e sementes são utilizadas para tratar dor de cabeça, febre e tosse, dor de dente, cáries, redução de açúcar no sangue, cólicas e asma. No Nepal, o povo Tamang faz uso do chá como analgésico para dor de dente, e a fumaça dos frutos queimados também é utilizada para o mesmo objetivo. O grupo indígena mexicano Populaca faz uso do pó das folhas secas para cicatrização mais rápida de feridas. Já as raízes são utilizadas para tratar dor de dente.

MANDACARÚ

Cereus jamacaru DC.

15

MANDACARÚ

Cereus jamacaru DC.

Família: Cactaceae

Árvore/suculenta, com troncos ramificados de epiderme verde. Suas folhas são diferenciadas em espinhos cilíndricos. Suas flores são tubulares, brancas por dentro e vermelhas, róseas ou verdes por fora. O fruto é elipsoide, de cor vermelha à magenta, com polpa branca e diversas sementes. A floração ocorre entre fevereiro e maio no Hemisfério Sul, e a frutificação parece ser anual, com pico entre fevereiro e julho. O mandacaru é uma espécie endêmica brasileira, ou seja, só ocorre naturalmente no país, especificamente em áreas de Caatinga e Cerrado.

Suas FLORES e FRUTOS são **comestíveis**. Os frutos são amplamente consumidos in natura no Nordeste, e podem ainda ser cozidos ou utilizados para fazer doces. Eles são ricos em proteínas e vitamina C. Possui diversos usos **medicinais**, que englobam o uso das FOLHAS, RAÍZES, FRUTOS e até mesmo do CAULE. Em Sergipe, o uso medicinal é no combate e alívio de cálculo renal e problemas relacionados à próstata. No Ceará, é feito o chá das raízes e folhas para uso como anti-inflamatório, também no tratamento de doenças da próstata, cardíacas e renais, além de gripe e tosse. Na Paraíba, o caule é utilizado para tratar hemorroidas, e o chá das raízes é consumido para tratar reumatismo, feridas, furúnculos, sinusite, infecções urinárias e inflamações renais. Chá e tinturas da raiz e do caule são utilizados para tratar doenças infecciosas e parasitárias, neoplasias, doenças do tecido osteomuscular e tecido conjuntivo e doenças do sistema geniturinário, em Pernambuco. No semiárido baiano, o chá das raízes é utilizado para tratar gripe, sífilis, coluna, dor na uretra, problemas nos rins e quentura. Em Pernambuco, é utilizado para tratar problemas nos rins.

Alguns outros usos do mandacarú são como espécie ornamental, inclusive em outros países, como forragem na criação de animais e ainda o uso do caule em construções ou cercas, entre outros.

M. E. Rodrigues

MARIA-GORDA

Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

16 MARIA-GORDA

Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn.

Família: Talinaceae

Erva perene, ereta e suculenta, de pequeno porte. Raiz robusta, folhas simples e alternas em rosetas basais, com lâminas obovadas. Inflorescência do tipo panícula saindo do meio da roseta foliar, com até dezenas de flores pequenas e rosas. Frutos globosos castanhos avermelhados, com semente preta. É nativa das Américas. No Brasil ocorre naturalmente em áreas da Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

Suas FOLHAS são **alimentícias** do norte ao sul do Brasil. Na Bahia já foi um dos principais ingredientes do parto típico “caruru”, mas atualmente é substituída por outras espécies. No geral é consumida na forma de refogados, sopas, omeletes e no preparo de pratos com carnes, peixes ou camarão. Inclusive na China também é muito consumida, sendo comumente comercializada. São ricas em ferro, cálcio, manganês, zinco e potássio. As partes **medicinais** são a RAIZ ou a PLANTA TODA. No Brasil, são utilizadas para tratar anemia. Na Argentina, o uso popular medicinal é como antisifilítico, adstringente, purificador e cicatrizante de feridas. É ainda muito utilizada na medicina tradicional chinesa, onde as raízes são cozidas em caldos de carne, a fim de melhorar a imunidade corporal e para tratar questões pulmonares.

M. E. Rodrigues

ORA-PRO-NOBIS

Pereskia grandifolia Haw.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

17 ORA-PRO-NOBIS

Pereskia grandifolia Haw.

M. E. Rodrigues

Família: Cactaceae

Arbustos ou pequenas árvores perenes, de caules muito ramificados, com espinhos. Folhas simples de formato lanceolado. Inflorescência com mais de 10 flores por cimeira. Flores brancas, róseas ou alaranjadas. Fruto verde amarelado, piriforme, com sementes pretas. É uma espécie endêmica brasileira, ou seja, só ocorre naturalmente no país, especificamente em áreas da Mata Atlântica.

FOLHAS e FLORES são consumidas como **alimento**. As folhas são ricas em proteínas, fibras, cálcio e carotenoides, além de vitaminas A e C, e são muito consumidas em Minas Gerais. O ideal é que se faça o leve cozimento para o consumo, na forma de refogados, molhos, caldos, entre outros. Quanto a usos **medicinais**, são utilizadas também as FOLHAS. Em Minas Gerais, é utilizada no tratamento de anemia ferropriva, osteoporose e constipação intestinal. Populações ribeirinhas do Amazonas a chamam de "rosa-madeira" e fazem uso do chá para tratar dor de estômago.

PITANGA

Eugenia uniflora L.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

18 PITANGA

Eugenia uniflora L.

Família: Myrtaceae

Arbusto denso, que possui entre dois e nove metros de altura. Folhas simples, opostas e de textura cartácea. Inflorescência do tipo fascículo, com flores brancas de quatro pétalas. Frutos laranja avermelhados, de formato globoso com reentrâncias, e uma única semente. No Hemisfério Sul, a floração e frutificação são seguidas e ocorrem no segundo semestre, entre agosto e dezembro. Nativa da América do Sul. No Brasil, ocorre naturalmente em áreas de Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pampa.

Seus FRUTOS são **comestíveis**, consumidos principalmente no sudeste brasileiro, sendo ricos em vitaminas A e C, carotenóides e minerais como potássio, cálcio, fósforo, magnésio e sódio. A ingestão pode ser in natura, em sucos, sorvetes, bebidas alcoólicas, geléias, doces entre outras formas. Já quanto a usos **medicinais** as partes utilizadas são as FOLHAS e RAÍZES. Na Bahia, utilizam o banho ou chá das folhas e ramos para o tratamento da gripe. No Rio de Janeiro, a decocção das folhas é consumida para tratar febre, gripe, dor de dente e como antidiarréica. Em São Paulo, o chá das folhas é utilizado para tratar tosse. Em Minas Gerais, a decocção das folhas é utilizada para tratar verminoses, ou a maceração de sua raiz para tratar hemorragia intestinal e melena. No Mato Grosso do Sul, o chá das folhas é empregado como calmante e diurético , e no Mato Grosso é utilizado para tratar diabetes e colesterol alto. No Rio Grande do Sul, a infusão das folhas serve para tratar disenteria, diarreia, cólica e infecção intestinal, como calmante e para diabetes.

Além desses usos, a madeira da pitanga é comumente utilizada em construções e marcenaria, e pode ser utilizada para ornamentação.

URUCUM

Bixa orellana L.

19 URUCUM

Bixa orellana L.

Família: Bixaceae

Arbustos com folhas de base foliar truncada ou cordada. Inflorescências de até dez centímetros, flores róseas de cinco pétalas. Frutos globosos, espinhosos e deiscentes, com sementes avermelhadas. Nativa das Américas, no Brasil ocorre naturalmente em áreas da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.

A parte **alimentícia** do urucum são suas SEMENTES. Elas possuem elevado teor nutricional, ricas em proteínas e fibras, sendo consumidas por todo Brasil. Eram inclusive consumidas pelos povos Maias. É comumente comercializada com o nome de “colorau”.

O uso **medicinal** é atrelado às FOLHAS e SEMENTES. O povo indígena Suruí, em Rondônia, utiliza a tintura do urucum como fármaco de uso tópico contra febre, dor de cabeça e feridas furunculóides e impetiginosas. O chá das sementes é utilizado para tratar doenças do trato respiratório em quilombos maranhenses, e comunidades indígenas locais fazem uso das sementes para tratar inflamações, problemas do fígado e tuberculose. No Piauí, é utilizada para tratar gripe, inflamação na próstata e câncer. Na Bahia, o chá das folhas e sementes é indicado para tratar cansaço e pressão alta. Em São Paulo, o consumo das sementes também é indicado para redução da pressão arterial. E, em Mato Grosso, são feitos banhos a partir das folhas e sementes para tratar dermatoses em comunidades do Mato Grosso.

O corante gerado pelas sementes do urucum pode ser utilizado também na indústria têxtil. Além disso, o povo indígena Suruí, em Rondônia, utiliza sua tintura junto à gordura de besouros “kadeg” (broca-do-coqueiro), para pintura corporal decorativa. Uma curiosidade interessante é que a primeira ilustração conhecida do urucum aparece no livro "História Natural de Nueva España”, do período de 1571-76 , ilustrada por Francisco Hernández.

M. E. Rodrigues

VASSOURINHA

Sida rhombifolia L.

M. E. Rodrigues

M. E. Rodrigues

20

VASSOURINHA

Sida rhombifolia L.

Família: Malvaceae

Erva anual, de caule ereto com tricomas. Folhas opostas cruzadas, de forma ovada e com margem serreada. Flores solitárias e axilares, amareladas. Fruto esquizocárpico com tricomas simples. Existem dúvidas sobre sua origem, sendo considerada nativa da África e Ásia em alguns casos, e em outros das Américas. No Brasil, ocorre naturalmente em áreas de Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal.

Suas FOLHAS são consideradas **comestíveis**, sendo tenras e emolientes. Seu uso **medicinal** é amplo e variado, sendo atribuído à FOLHA, RAIZ e PLANTA TODA em alguns casos. No Brasil, os povos Guarani a utilizam como béquica, descongestionante, emoliente, expectorante, gargarejo, laxante e mucilaginosa. Nas Filipinas, é utilizada para tratar febre e dores de cabeça. Na Índia, existem muitos usos: a decocção de raiz ou suco de raiz misturado com o leite de vaca fervido, para induzir ao sono. A decocção é usada ainda para tratar dores reumáticas, para fortalecimento no caso de doenças cardíacas, e para problemas biliares em crianças. O extrato aquoso da raiz é administrado como um antiinflamatório, e além disso, a planta toda processada em pó é consumida para tratar tuberculose. O suco da planta fresco é usado como demulcente, diurético, e em caso de espermatorréia. No Peru, é utilizada para tratar cicatrizes, hematomas, inflamação, febre e reumatismo. Na Nigéria, as folhas são comercializadas em mercados de ervas para tratar diarreia, feridas e como emoliente.

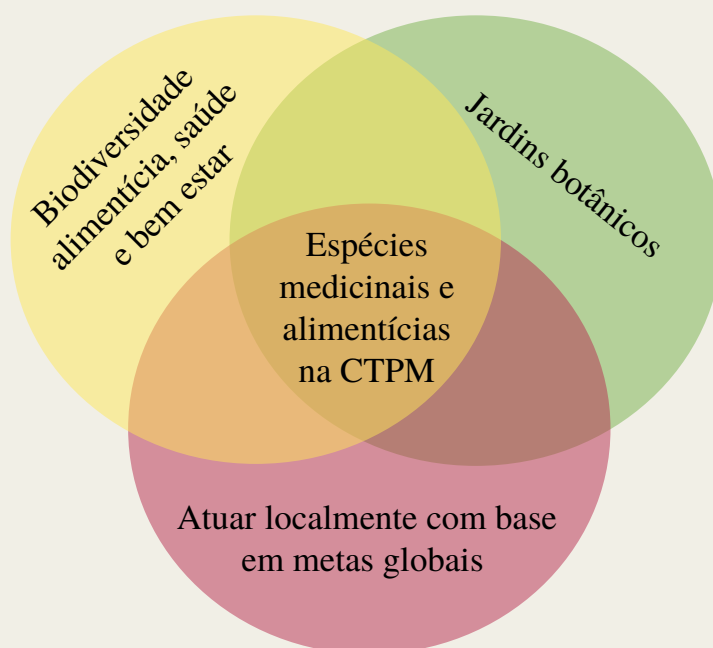
Entre outros usos, elas são também consumidas por animais de pasto, e apesar do pequeno porte, existem indicativos de que o uso das fibras da vassourinha seja interessante para propósitos industriais.

Como discutir biodiversidade alimentícia em jardins botânicos com base em metas globais de sustentabilidade ?

Para além de informar sobre a biodiversidade alimentícia e medicinal, é importante pensar qual sua finalidade diante de um cenário global que exige mudanças sociais, econômicas e ambientais para uma vida mais sustentável. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um documento que traz uma série de objetivos a serem alcançados para tal. Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), podemos destacar alguns que se relacionam com a meta a ser alcançada com o desenvolvimento desse material.

O ODS de número 2 discorre sobre a manutenção da diversidade genética de espécies selvagens, e sobre o aumento da produtividade agrícola diversa, com informações acessíveis e seguras para tal. O ebook promove a divulgação científica sobre o uso de espécies de forma ampla e igual a todos que tiverem acesso a ele.

O ODS de número 11 fala sobre o fortalecimento de esforços para proteção dos patrimônios culturais e naturais do mundo. Muitas das espécies presentes nesse *ebook* fazem parte da lista de espécies nativas da sociobiodiversidade brasileira. Compreender sua importância biológica, história e cultural perante a sociedade, em centro urbanos, é um caminho para essa melhora.

O ODS de número 12 aborda a garantia de conscientização e acesso a informações relevantes quanto ao desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, os jardins botânicos podem atuar como um local chave para a conscientização sobre as diversas questões ambientais, principalmente da flora, com o alcance de um grande público, auxiliando, portanto, na contínua mudança social necessária para uma vida em sociedade mais sustentável.

Ampliar o conhecimento sobre a biodiversidade alimentícia e medicinal brasileira.

Jardins botânicos como o local para divulgação de conheicmento, de grande alcance, ao público geral.

Objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU.

BIBLIOGRAFIA

***1.Chrysobalanus icaco* L.**

- Aguiar, T. M. de, Sabaa-Srur, A. U. de O., & Samico, G. F. (2011). Potencial Nutritivo E Características Físicas E Químicas Do Abajeru. Pesquisa Agropecuária Tropical, 41(1), 102–109. https://doi.org/10.5216/pat.v41i1.9623
- Bochner, R., Fiszon, J. T., Assis, M. A., & Avelar, K. E. S. (2012). Problemas associados ao uso de plantas medicinais comercializadas no mercadão de madureira, município do rio de janeiro, brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 14(3), 537–547. https://doi.org/10.1590/S1516-05722012000300017
- Carneiro, D. B., Barboza, M. S. L., & Menezes, M. P. (2010). Plantas nativas úteis na Vila dos Pescadores da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Pará, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 24(4), 1027–1033. https://doi.org/10.1590/s0102-33062010000400017
- Carvalho, A. S. R., de Andrade, A. C. S., de Sá, C. F. C., de Araujo, D. S. D., Tierno, L. R., Fonseca-Kruel, V. S. (2018) Restinga de Massambaba: vegetação, flora, propagação e usos. Rio de Janeiro: Vertente edições. 288 p.; 23 cm.
- Coe, F. G., & Anderson, G. J. (1996). Ethnobotany of the Garífuna of Eastern Nicaragua. Economic Botany, 50(1), 71–107. https://doi.org/10.1007/BF02862114
- Coelho-Ferreira, M., & Jardim, M. A. G. (2005). Algumas espécies vegetais usadas pelos moradores da Ilha de Algodoal, Maindeua, Município de Maracanã, Pará. BoI. Mus. Para. Emílio Goeldi. Sér. Ciências Naturais, 1(2), 45–51.
- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.
- Duke, J. A. (1975). Ethnobotanical observations on the Cuna Indians. Economic Botany, 29(3), 278–293. https://doi.org/10.1007/BF02873178
- Fonseca-Kruel, V. S. da, & Peixoto, A. L. (2004). Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 18(1), 177–190. https://doi.org/10.1590/s0102-33062004000100015
- Freire, M. das G. M., & Mussi-Dias, V. (2019). Ornamental use of plants from the Restinga. Ornamental Horticulture, 25(1), 55–64. https://doi.org/10.14295/oh.v25i1.1452
- Guevara , Ä. M., & Rueda Pereira, R. M. (2009). Plantas Alimenticias que se ofertan en los mercados de la ciudad de León. Universitas (León): Revista Científica de La UNAN León, 3(2), 37–40. https://doi.org/10.5377/universitas.v3i2.1664
- Jenkins, D. A., & Goenaga, R. (2008). Host breadth and parasitoids of fruit flies (Anastrepha spp.) (Diptera: Tephritidae) in Puerto Rico. Environmental Entomology, 37(1), 110–120. https://doi.org/10.1603/0046-225X(2008)37[110:HBAPOF]2.0.CO;2
- Keswet, L. A., & Abia, F. O. (2015). Production and nutritional analysis of Itsekiri Pepper soup spices. International Journal of Development Research, 5(7), 4905–4907. https://doi.org/10.3167/092012905780909289
- Kueffer, C., Kronauer, L., & Edwards, P. J. (2009). Wider spectrum of fruit traits in invasive than native floras may increase the vulnerability of oceanic islands to plant invasions. Oikos, 118(9), 1327–1334. https://doi.org/10.1111/j.1600-0706.2009.17185.x
- Moreno-Casasola, P., & Paradowska, K. (2009). Especies útiles de la selva baja caducifolia en las dunas costeras del centro de Veracruz Useful plants of tropical dry forest on the coastal dunes of the center of Veracruz State. 21 Madera y Bosques, 15(3), 21–44. http://www.scielo.org.mx/pdf/mb/v15n3/v15n3a2.pdf
- Pinto, A. L. A., Sousa, F. J. F. de, & Moura Rufino, M. do S. (2019). Conhecimento etnobotânico dos Tremembé da Barra do Mundaú sobre as frutas da sociobiodiversidade. Interações (Campo Grande), 20(1), 327–339. https://doi.org/10.20435/inter.v19i4.1632
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.

- Rosa, L. S., Silveira, E. L., Santos R. S., M. M. M., Peroti, J. R. S., & Vieira, T. A. (2007). Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. Rev. Bras. de Agroecologia, 2(2), 337–341.
- Silva, A. J. da R., & Andrade, L. de H. C. (2005). Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 19(1), 45–60. https://doi.org/10.1590/s0102-33062005000100006
- Silva, I. M., & Peixoto, A. L. (2009). Abajurú (Chrysobalanus icaco L. and Eugenia rotundifolia Casar.) commercialized in Rio de Janeiro, Brazil. Revista Brasileira de Farmacognosia, 19(1 B), 325–332. https://doi.org/10.1590/S0102-695X2009000200025
- Sothers, C.; Prance, G.T. 2020. Chrysobalanus in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB16759>. Acesso em: 24 mar. 2021

2. *Lippia origanoides* Kunth

- Plants of the World Online 2020. Disponível em: http://www.plantsoftheworldonline.org/ Acesso em 17/05/2021
- Salimena, F.R.G.; Cardoso, P.H. 2020. Lippia in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB21449>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Vásquez, S. P. F., de Mendonça, M. S., & Noda, S. do N. (2014). Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. Acta Amazonica, 44(4), 457–472. https://doi.org/10.1590/1809-4392201400423
- Vieira, R. F.; Camillo, J.; Coradin, L. (Ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: Região Centro-Oeste. Brasília, DF: MMA, 2018. 1.160 p. (Série Biodiversidade; 44). Arquivo PDF publicado em 2016.

3. *Piper aduncum* L.

- Ayme, Y. (2021). Estudio etnobotánico y etnofarmacólogico de plantas medicinales de Tambopata, Madre de Dios, Perú. Ciencia y Desarrollo, 14, 7. https://doi.org/10.21503/cyd.v14i0.1140
- Bussmann, R. W. (2002). Ethnobotany and Biodiversity Conservation. Kluwer Academic/Plenum Publishers, 343–360.
- Cascaes, M. F., Citadini-Zanette, V., & Harter-Marques, B. (2013). Reproductive phenology in a riparian rainforest in the south of Santa Catarina state, Brazil. Anais Da Academia Brasileira de Ciencias, 85(4), 1449–1460. https://doi.org/10.1590/0001-37652013105112
- Ferreira, F. M. C., Lourenço, F. J. D. C., & Baliza, D. P. (2014). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros , Mercês – Minas Gerais. Revista Verde (Pombal - PB - Brasil), 9(3), 205–212.
- Figueiredo, R. A., & Sazima, M. (2000). Pollination biology of Piperaceae species in southeastern Brazil. Annals of Botany, 85(4), 455–460. https://doi.org/10.1006/anbo.1999.1087
- Guimarães, E.F.; Queiroz, G.A.; Medeiros, E.V.S.S. 2020. Piper in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB12738>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Lisboa, M. dos S., Pinto, A. S., Barreto, P. A., Ramos, Y. J., Silva, M. Q. O. R., Caputo, M. C., & Almeida, M. Z. de. (2017). Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. Revista Fitos, 11(1), 48–61. https://doi.org/10.5935/2446-4775.20170006
- Pizon, J. R., Nuneza, O., Uy, M., & Senarath, W. (2016). Ethnobotany of Medicinal Plants Used by the Subanen Tribe of Lapuyan, Zamboanga del Sur. Bulletin of Environment, Pharmacology and Life Sciences, 5(5), 53–67.
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.

- Vieira, R. F.; Camillo, J.; Coradin, L. (Ed.) Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o Futuro: Região Centro-Oeste. Brasília, DF: MMA, 2016. (Série Biodiversidade, 44). Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1073295/especies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-economico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-regiao-centro-oeste> Acesso em: 05 jan de 2021.

4. *Vernonanthura polyanthes* (Sprengel) Vega & Dematteis

- Almeida, A. M. de, Fonseca, C. R., Prado, P. I., Almeida-Neto, M., Diniz, S., Kubota, U., Braun, M. R., Raimundo, R. L. G., Anjos, L. A. dos, Mendonça, T. G., Futada, S. de M., & Lewinsohn, T. M. (2005). Diversidade e ocorrência de Asteraceae em cerrados de São Paulo. Biota Neotropica, 5(2), 27–43. https://doi.org/10.1590/s1676-06032005000300003
- Almeida, H. A., de Oliveira Bahia, T., Gélvez-Zúñiga, I., & Fernandes, G. W. (2018). Together yet separate: Variation in soil chemistry determines differences in the arboreal-shrub structure of two contiguous rupestrian environments. Acta Botanica Brasilica, 32(4), 578–587. https://doi.org/10.1590/0102-33062018abb0013
- Boscolo, O., & Galvão, M. (2019). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em duas comunidades da região serrana do Rio de Janeiro, Brasil. Revista Fitos, 13(3), 212–231. https://doi.org/10.32712/2446-4775.2019.829
- Castro, M.S.; Monge, M.; Soares, P.N.; Rivera, V.L.; Semir, J. (in memoriam).; Dematteis, M. 2020. Vernonanthura in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB602891>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Chaves, T. L., Ricardo, L., de Paula-Souza, J., & Brandão, M. das G. L. (2015). Useful Brazilian plants under the view of the writer-naturalist João Guimarães Rosa. Revista Brasileira de Farmacognosia, 25(5), 437–444. https://doi.org/10.1016/j.bjp.2015.06.003
- Galvão, M. N., Pereira, A. C. M., Gonçalves-Esteves, V., & Esteves, R. L. (2009). Palinologia de espécies de Asteraceae de utilidade medicinal para a comunidade da Vila Dois Rios, Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 23(1), 247–258. https://doi.org/10.1590/s0102-33062009000100026
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- Oliveira Júnior, C. J. F. de, Voigtel, S. D. S., Nicolau, S. A., & Aragaki, S. (2018). Sociobiodiversidade e agricultura familiar em Joanópolis, SP, Brasil: potencial econômico da flora local. Hoehnea, 45(1), 40–54. https://doi.org/10.1590/2236-8906-78/2017
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Staudt, M. G., Alves, M., & Roque, N. (2017). Asteraceae in the northern Espinhaço Range, Brazil: Richness, endemism and conservation. Acta Botanica Brasilica, 31(4), 698–719. https://doi.org/10.1590/0102-33062017abb0167
- Sukhorukov, A. P., Verloove, F., Alonso, M. Á., Belyaeva, I. V., Chapano, C., Crespo, M. B., El Aouni, M. H., El Mokni, R., Maroyi, A., Shekede, M. D., Vicente, A., Dreyer, A., & Kushunina, M. (2017). Chorological and taxonomic notes on African plants, 2. Botany Letters, 164(2), 135–153. https://doi.org/10.1080/23818107.2017.1311281
- Tuler, A. C., Peixoto, A. L., & Silva, N. C. B. da. (2019). Plantas alimentícias não convencionais (PANC) na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brasil. Rodriguésia, 70. https://doi.org/10.1590/2175-7860201970077

5. *Costus arabicus* L.

- Andel, T. van, Ruysschaert, S., Putte, K. Van de, & Groenendijk, S. (2013). What Makes a Plant Magical? Symbolism and Sacred Herbs in Afro-Surinamese Winti Rituals. In African Ethnobotany in the Americas (pp. 247–284). https://doi.org/10.1007/978-1-4614-0836-9
- Andel, T. V., Behari-Ramdas, J., Havinga, R., & Groenendijk, S. (2007). The medicinal plant trade in Suriname. Ethnobotany Research and Applications, 5, 351–372. https://doi.org/10.17348/era.5.0.351-372

- André, T. 2020. Costaceae in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB110645>. Acesso em: 24 mar. 2021

- Castro, J. A., Brasileiro, B. P., Lyra, D. H., de Almeida Pereira, D., Chaves, J. L., & Amaral, C. L. F. (2011). Ethnobotanical study of traditional uses of medicinal plants: The flora of caatinga in the community of Cravolândia-BA, Brazil. Journal of Medicinal Plants Research, 5(10), 1905–1917.

- Castro, C. E. F. de, Moreira, S. R., Castro, C. R. de, Souza, F. V. D., Loges, V., Gonçalves, C., Costa, M. A. P. de C., & Moura, L. F. de. (2011). Avaliação de espécies de Costaceae para uso ornamental. Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, 17(1), 63. https://doi.org/10.14295/rbho.v17i1.719

- Christo, A. G., Guedes-Bruni, R. R., & Da Silva, A. G. (2009). Local knowledge on medicinal plant gardens in a rural community near the Atlantic Rain Forest, southeastern Brazil. In Revista Brasileira de Farmacognosia Brazilian Journal of Pharmacognosy (Vol. 20, Issue 4).

- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.

- Costa, V. P. da, Hayashi, A. H., Carvalho, M. A. M. de, & Silva, E. A. da. (2012). Aspectos fisiológicos, anatômicos e ultra-estruturais do rizoma de Costus arabicus L. (Costaceae) sob condições de déficit hídrico. Hoehnea, 39(1), 125–137. https://doi.org/10.1590/s2236-89062012000100007

- Flor, A. S. S. O., & Barbosa, W. L. R. (2015). Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá - PA. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 17(4), 757–768. https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_064
- Hariyadi, B., & Ticktin, T. (2012). Uras: Medicinal and ritual plants of Serampas, Jambi Indonesia. Ethnobotany Research and Applications, 10, 133–149. https://doi.org/10.17348/era.10.0.133-149

- Moreira, D., & Guarim Neto, G. (2009). Usos múltiplos de plantas do Cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade sitio Pindura, Rosário oeste, Mato Grosso, Brasil. Polibotánica, 27, 159–190.

- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.

- Santos, J. D. F. L., Pagani, E., Ramos, J., & Rodrigues, E. (2012). Observations on the therapeutic practices of riverine communities of the Unini River, AM, Brazil. Journal of Ethnopharmacology, 142(2), 503–515. https://doi.org/10.1016/j.jep.2012.05.027
- Santos, M. G., Ayres Fevereiro, P. C., Reis, G. L., & Barcelos, J. I. (2010). Recursos vegetais da Restinga de Carapebus, Rio de Janeiro, Brasil. Revista de Biologia Neotropical, 6(1), 35–54. https://doi.org/10.5216/rbn.v6i1.12628

- Skinner, D. (2016). Ornamental Costus. Ornamental Horticulture, 22(3), 307–317. https://doi.org/10.14295/oh.v22i3.984

- Teixeira, S. A., & De Melo, J. I. M. (2006). Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. Iheringia - Serie Botanica, 61(1–2), 5–11.

- Valiakos, E., Marselos, M., Sakellaridis, N., Constantinidis, T., & Skaltsa, H. (2015). Ethnopharmacological approach to the herbal medicines of the “antidotes” in Nikolaos Myrepsos’ Dynameron. Journal of Ethnopharmacology, 163, 68–82. https://doi.org/10.1016/j.jep.2015.01.005

6. *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltdl.) Micheli

- Bortolotto, I. M., Damasceno-Junior, G. A., & Pott, A. (2018). Preliminary list of native food plants of Mato Grosso do Sul, Brazil. Iheringia - Serie Botanica, 73(2010), 101–116. https://doi.org/10.21826/2446-8231201873s101

- Coradin, L.; Siminski, A.; Reis, A. (Ed.) Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/fauna-e-flora/Regiao_Sul.pdf> Acesso em: 05 jan 2021.

- Franco, M. J., Caetano, I. C. da S., Caetano, J., & Dragunski, D. C. (2011). Determinação De Metais Em Plantas Medicinais Comercializadas Na Região De Umuarama-Pr. Arquivos de Ciências Da Saúde Da UNIPAR, 44, 121–127.
- Joaquim, W. M., Ono, E. O., Salatino, M. L. F., & Rodrigues, J. D. (2010). Year season on epicuticular waxes in leaves of Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schltdl.) Micheli (Alismataceae). Naturalia, 33, 8–19.
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- Matias, L.Q. 2020. Alismataceae in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB4261>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Pansarin, E. R., & Pansarin, L. M. (2011). Reproductive biology of Echinodorus grandiflorus (Alismataceae): evidence of self-sterility in populations of the state of São Paulo A biologia floral e reprodutiva de Echinodorus grandiflorus (Cham . & Schltdl .) Micheli foram estudadas em populações. Rodriguésia, 62(1), 213–221.
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Silva, K. G. da, Silva, W. A. da, & Costa, J. R. de M. (2019). Avaliação da qualidade físico-química e microbiológica em amostras de Echinodorus grandiflorus Evaluation. Cadernos Da Escola de Saúde, 19(2), 21–39.
- Souza, L. F., Dias, R. F., Guilherme, F. A. G., & Coelho, C. P. (2016). Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 18(2), 451–461. https://doi.org/10.1590/1983-084X/15_173
- Vieira, R. F.; Camillo, J.; Coradin, L. (Ed.) Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: Plantas para o Futuro: Região Centro-Oeste. Brasília, DF: MMA, 2016. (Série Biodiversidade, 44). Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1073295/especies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-economico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-regiao-centro-oeste> Acesso em: 05 jan de 2021.

7. *Eryngium foetidum* L.

- Bharali, P., Sharma, M., Sharma, C. L., & Singh, B. (2017). Ethnobotanical survey of spices and condiments used by some tribes of Arunachal Pradesh. Journal of Medicinal Plants Studies, 5(1), 101–109.
- Coe, F. G., & Anderson, G. J. (1996). Ethnobotany of the Garífuna of Eastern Nicaragua. Economic Botany, 50(1), 71–107. https://doi.org/10.1007/BF02862114
- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.
- Ferreira, L. R., & Tavares-Martins, A. C. C. -. (2016). Química e etnofarmacologia de plantas místicas em uma comunidade amazônica. Revista Fitos, 10(3), 307–328. https://doi.org/10.5935/2446-4775.20160024
- Gois, M. A. F., Lucas, F. C. A., Costa, J. C. M., Moura, P. H. B., & Lobato, G. J. M. (2016). Ethnobotany of medicinal plant species in the treatment of disorders of the gastrointestinal system. Brazilian Journal of Medicinal Plants, Campinas., 18(2), 547–557.
- Heinrich, M., Rimpler, H., & Barrera, N. A. (1992). Indigenous phytotherapy of gastrointestinal disorders in a lowland Mixe community (Oaxaca, Mexico): Ethnopharmacologic evaluation. Journal of Ethnopharmacology, 36(1), 63–80. https://doi.org/10.1016/0378-8741(92)90062-V
- Jiofack, T., Fokunang, C., Kemeuze, V., Fongnzossie, E., Tsabang, N., & Nkuinkeu, R. (2008). Ethnobotany and phytopharmacopoea of the South-West ethnoecological region of Cameroon. Journal of Medicinal Plants Research, 2(8), 197–206.
- Jiofack, T., Ayissi, I., Fokunang, C., Guedje, N., & Kemeuze, V. (2009). Ethnobotany and phytomedicine of the upper Nyong valley forest in Cameroon. African Journal of Pharmacy and Pharmacology, 3(4), 144–150.

- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- Lingaraju, D. P., Sudarshana, M. S., & Rajashekar, N. (2013). Ethnopharmacological survey of traditional medicinal plants in tribal areas of Kodagu district, Karnataka, India. Journal of Pharmacy Research, 6(2), 284–297. https://doi.org/10.1016/j.jopr.2013.02.012
- Lucas, D.B.; Cardozo, A.L. 2020. Eryngium in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15529>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Mesquita, U. de O., & Tavares-Martins, A. C. C. (2018). Etnobotánica de plantas medicinales en la comunidad de Caruarú, Isla del Mosqueiro, Belém-PA, Brasil. Boletín Latinoamericano y del Caribe de plantas medicinales y aromáticas, 17(2), 130–159.
- Monteles, R., & Pinheiro, C. U. B. (2007). Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. Revista de Biologia e Ciências Da Terra, 7(2), 38–48.
- Rodrigues, E. (2006). Plants and animals utilized as medicines in the Jaú National Park (JNP), Brazilian Amazon. Phytotherapy Research, 20(5), 378–391. https://doi.org/10.1002/ptr.1866
- Sanglakpam, P., Mathur, R. R., & Pandey, A. K. (2012). Ethnobotany of Chothe tribe of Bishnupur district (Manipur). Indian Journal of Natural Products and Resources, 3(3), 414–425.
- Silva, G. C., & Lucas, F. C. A. (2019). Ribeirinhos e a hidrelétrica belo monte: A desterritorialização e influências no cultivo de plantas alimentícias. Ambiente & Sociedade, 22, 26. https://www.scielo.br/pdf/asoc/v22/pt_1809-4422-asoc-22-e02961.pdf
- Singh, S., Singh, D. R., Banu, S., & Salim, K. M. (2013). Determination of bioactives and antioxidant activity in eryngium foetidum L.: A traditional culinary and medicinal herb. Proceedings of the National Academy of Sciences India Section B - Biological Sciences, 83(3), 453–460. https://doi.org/10.1007/s40011-012-0141-y

8. *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G.Lohmann

- Ferreira, L. B., Rodrigues, M. O., & Costa, J. M. (2016). Etnobotânica das Plantas Medicinais Cultivadas nos Quintais do Bairro de Algodoal em Abaetetuba/PA. Revista Fitos, 10(3), 254–267. https://doi.org/10.5935/2446-4775.20160020
- Franco, S. E. P., & Souza, A. C. R. de. (2016). Levantamento das plantas medicinais utilizadas por alunos do Programa de Ensino de Jovens e Adultos(EJA) no município de Porto Velho - RO. Saber Científico, 1–7.
- Gonçalves, J., & Lucas, F. C. A. (2017). Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba , Pará , Brasil. Revista Brasileira de Biociências, 15(3), 119–134.
- Kaehler, M. 2020. Fridericia in Flora do Brasil, (2020). Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB113356>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- Miranda, T. G., Júnior, J. F. D. O., Martins Júnior, A. D. S., & Tavares Martins, A. C. C. (2016). O uso de plantas em quintais urbanos no bairro da Francilândia no município de Abaetetuba, PA. Scientia Plena, 12(6), 2–18. https://doi.org/10.14808/sci.plena.2016.069909
- Moura, P. H. B. de, Lucas, F. C. A., Tavares-Martins, A. C. C., Lobato, G. D. J. M., & Gurgel, E. S. C. (2016). Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba – Pará, Brasil. Biotemas, 29(2), 77. https://doi.org/10.5007/2175-7925.2016v29n2p77
- Passos, M. (2019). Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) ocorrentes em Roraima. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar, 5(14), 388–404. https://doi.org/10.21920/recei72019514388404
- Pedrollo, C. T., Kinupp, V. F., Shepard, G., & Heinrich, M. (2016). Medicinal plants at Rio Jauaperi, Brazilian Amazon: Ethnobotanical survey and environmental conservation. Journal of Ethnopharmacology, 186, 111–124. https://doi.org/10.1016/j.jep.2016.03.055

- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.

- Santos, J. J. F., Coelho-Ferreira, M., & Lima, P. G. C. (2018). Etnobotânica de plantas medicinais em mercados públicos da Região Metropolitana de Belém do Pará, Brasil. Biota Amazônia, 8(1), 1–9. https://periodicos.unifap.br/index.php/biota/article/view/2875

- Santos, E. Q., Costa, J. F. da S., Pereira, M. das G. da S., Costa, J. M., & De Sousa, R. L. (2019). Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Rio Meruú, Igarapé-Miri, Pará. Scientia Plena, 15(5), 1–11. https://doi.org/10.14808/sci.plena.2019.051202

- Scudeller, V. V., Vieira, M. F., & Carvalho-Okano, R. M. de. (2008). Distribuição espacial, fenologia da floração e síndrome floral de espécies de Bignonieae (Bignoniaceae). Rodriguésia, 59(2), 297–307. https://doi.org/10.1590/2175-7860200859203

- Souza, L. F., Dias, R. F., Guilherme, F. A. G., & Coelho, C. P. (2016). Plantas medicinais referenciadas por raizeiros no município de Jataí, estado de Goiás. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 18(2), 451–461. https://doi.org/10.1590/1983-084X/15_173

- Vásquez, S. P. F., de Mendonça, M. S., & Noda, S. do N. (2014). Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. Acta Amazonica, 44(4), 457–472. https://doi.org/10.1590/1809-4392201400423

9. *Piper umbellatum* L.

- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.

- Guimarães, E.F.; Queiroz, G.A.; Medeiros, E.V.S.S. 2020. Piper in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB12863>. Acesso em: 24 mar. 2021

- Hammer, M. L. A., & Johns, E. A. (1993). Tapping an Amazônian plethora: four medicinal plants of Marajó island, Pará (Brazil). Journal of Ethnopharmacology, 40(1), 53–75. https://doi.org/10.1016/0378-8741(93)90089-N

- Jiofack, T., Fokunang, C., Kemeuze, V., Fongnzossie, E., Tsabang, N., & Nkuinkeu, R. (2008). Ethnobotany and phytopharmacopoea of the South-West ethnoecological region of Cameroon. Journal of Medicinal Plants Research, 2(8), 197–206.

- Jiofack, T., Fokunang, C., Guedje, N., Kemeuze, V., Fongnzossie, E., Nkongmeneck, B. A., Mapongmetsem, P. M., & Tsabang, N. (2009). Ethnobotanical uses of some plants of two ethnoecological regions of Cameroon. African Journal of Pharmacy and Pharmacology, 3(13), 664–684.

- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.

- Leal, J. B., Silva, M. M. da, Costa, J. M., Albuquerque, L. C. da S. de, Pereira, M. das G. da S., & Sousa, R. L. de. (2019). Etnobotânica de plantas medicinais com potencial anti- inflamatório utilizadas pelos moradores de duas comunidades no município de Abaetetuba, Pará. Biodiversidade, 3(18), 110–125.

- Lima, I. R., Silva, I. B., Chagas, M. B. O., Lima, R. M. P. , Lima, L. S., Maria Bernadete de Souza Maia, M. B. S., Leite, S. P. (2016). The medicinal plants used in hepatic dysfunction. African Journal of Pharmacy and Pharmacology, 10(7), pp. 80-87. https://doi.org/10.5897/ajpp2015.4404

- Mensah, J. K., Okoli, R. I., Ohaju-Obodo, J. O., & Eifediyi, K. (2008). Phytochemical, nutritional and medical properties of some leafy vegetables consumed by Edo people of Nigeria. African Journal of Biotechnology, 7(14), 2304–2309. https://doi.org/10.4314/ajb.v7i14.58988

- Nwauzoma, D. A. B., & Songo L. (2013). Studies on the Phytochemical Properties and Proximate Analysis of Piper Umbellatum (Linn) From Nigeria. American Journal of Research Communication, 1(1), 2325–4076. www.usa-journals.com

- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.

- Uzodimma, D. E.. (2013). Medico-Ethnobotanical inventory of Ogii , Okigwe Imo State , South Eastern Nigeria - I. Global Advanced Research Journal of Medicinal Plants, 2(2), 30–44.

10. *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc.

- Alves, K. C. H., Povh, J. A., & Portuguez, A. P. (2019). Etnobotânica De Plantas Ritualísticas Na Prática Religiosa De Matriz Africana No Município De Ituiutaba, Minas Gerais. Ethnoscientia, 4(1), 1–10. https://doi.org/10.22276/ethnoscientia.v4i1.239
- Borges, R., & Peixoto, A. L. (2009). Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 23(3), 769–779. https://doi.org/10.1590/s0102-33062009000300017
- Castro, J. A., Brasileiro, B. P., Lyra, D. H., de Almeida Pereira, D., Chaves, J. L., & Amaral, C. L. F. (2011). Ethnobotanical study of traditional uses of medicinal plants: The flora of caatinga in the community of Cravolândia-BA, Brazil. Journal of Medicinal Plants Research, 5(10), 1905–1917.
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- Moroni, P.; O'Leary, N. 2020. Aloysia in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB135457>. Acesso em: 24 mar. 2021
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Silva, D. M. (2009). Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. Environment, February 2010, 54–64.
- Toledo, B. A., Galetto, L., & Colantonio, S. (2007). Uso de plantas medicinales y alimenticias según características socioculturales en Villa Los Aromos (Córdoba, Argentina). Kurtziana, 33(1), 79–88. https://www.researchgate.net/publication/262673496
- Vendruscolo, G. S.; Simões, C. M. O., Mentz, L. A. (2005). Etnobotânica No Rio Grande Do Sul : Análise Comparativa Entre O Conhecimento Original E. Pesquisas, Botânica, 56, 285–321.

11. *Solanum americanum* Mill.

- Barreira, T. F., Paula Filho, G. X., Rodrigues, V. C. C., Andrade, F. M. C., Santos, R. H. S., Priore, S. E., & Pinheiro-Sant'ana, H. M. (2015). Diversidade e equitabilidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 17(4), 964–974. https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_100
- Cárdenas, N. M., Zambrano, J. F., & Patiño, A. L. (2006). Plantas medicinales empleadas por los campesinos de los corregimientos de Casabuy, Hato Viejo y Sanchez del municipio de Chachagui. Nariño-Colombia. In Revista Centros de Estudios en Salud (Vol. 1, Issue 7, pp. 15–33).
- Costa, R. dos S., Brasil, T. C., Santos, C. de J., Santos, D. B., Barreto, M. L., Neves, N. M. A., & Figueiredo, C. A. V. de. (2010). Produtos naturais utilizados para tratamento de asma em crianças residentes na cidade de Salvador-BA, Brasil. Revista Brasileira de Farmacognosia, 20(4), 594–599. https://doi.org/10.1590/s0102-695x2010000400020
- Cruz, E. C., & Andrade-Cetto, A. (2015). Ethnopharmacological field study of the plants used to treat type 2 diabetes among the Cakchiquels in Guatemala. Journal of Ethnopharmacology, 159, 238–244. https://doi.org/10.1016/j.jep.2014.11.021
- Gbile, Z., & Adesina, S. K. (1988). NIGERIAN SOLANUM SPECIES OF ECONOMIC IMPORTANCE. Annals of the Missouri Botanical Garden, 75(3), 862–865.
- Ghorbani, A., Langenberger, G., & Sauerborn, J. (2012). A comparison of the wild food plant use knowledge of ethnic minorities in Naban River Watershed National Nature Reserve, Yunnan, SW China. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, 8. https://doi.org/10.1186/1746-4269-8-17
- Hernandez, L., Munoz, R. A., & Miro, G. (1984). Use of medicinal plants by ambulatory patients in Puerto Rico. American Journal of Hospital Pharmacy, 41(10), 2060–2064. https://doi.org/10.1093/ajhp/41.10.2060

- Kinupp, V. F., & De Barros, I. B. I. (2008). Protein and mineral contents of native species, potential vegetables, and fruits. Ciencia e Tecnologia de Alimentos, 28(4), 846–857. https://doi.org/10.1590/s0101-20612008000400013
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- Ogundipe, O. O., Moody, J. O., Akinyemi, T. O., & Raman, A. (2003). Hypoglycemic potentials of methanolic extracts of selected plant foods in alloxanized mice. Plant Foods for Human Nutrition, 58(3), 1–7. https://doi.org/10.1023/B:QUAL.0000040321.56831.c4
- Oliveira, L. S. de, Muzitano, M. F., Coutinho, M. A. S., Melo4, G. O. de, & Costa, S. S. (2011). Plantas Medicinais como Recurso Terapêutico em Comunidade do Entorno da Reserva Biológica do Tinguá , RJ , Brasil – Metabólitos Secundários e Aspectos. Revista Cientifica Internacional, 4(17), 54–74.
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Solanum in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB14725>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Taram, M., Borah, D., Rinyo, R., & Tag, H. (2018). Wild Food Plant Resources of Komkar Adi Tribe of Upper. Bulletin of Arunachal Forest Research, 33(2), 27–35.
- Tuler, A. C., Peixoto, A. L., & Silva, N. C. B. da. (2019). Plantas alimentícias não convencionais (PANC) na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brasil. Rodriguésia, 70, 12. https://doi.org/10.1590/2175-7860201970077

12. *Bromelia antiacantha* Bertol.

- Biondo, E., Fleck, M., Kolchinski, E. M., Sant'Anna, V., & Poleso, R. G. (2018). Diversidade e potencial de utilização de plantas alimentícias não convencionais no Vale do Taquari,RS. Revista Eletrônica Científica Da UERGS, 4(1), 61–90. https://doi.org/10.21674/2448-0479.41.61-90
- Canela, M. B. F., & Sazima, M. (2005). The pollination of Bromelia antiacantha (Bromeliaceae) in southeastern Brazil: Ornithophilous versus melittophilous features. Plant Biology, 7(4), 411–416. https://doi.org/10.1055/s-2005-865619
- Ceron, K., Guislon, A. V., Bristot, S. F., De Bona Martins, H., Elias, G. A., Dos Santos, R., De Aguiar Amaral, P., & Citadini-Zanette, V. (2016). Potencial medicinal e alimentício da vegetação herbácea terrícola ciliar no Sul Do Brasil. Interciencia, 41(6), 393–400.
- Coradin, L.; Siminski, A.; Reis, A. (Ed.) Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/fauna-e-flora/Regiao_Sul.pdf> Acesso em: 05 jan 2021.
- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.
- Kinupp, V. F., & De Barros, I. B. I. (2008). Protein and mineral contents of native species, potential vegetables, and fruits. Ciencia e Tecnologia de Alimentos, 28(4), 846–857. https://doi.org/10.1590/s0101-20612008000400013
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- Krumreich, F. D., Corrêa, A. P. A., Da Silva, S. D. S., & Zambiazi, R. C. (2015). Composição físico-química e de compostos bioativos em Frutos de Bromelia antiacantha Bertol. Revista Brasileira de Fruticultura, 37(2), 450–456. https://doi.org/10.1590/0100-2945-127/14
- Machado Mello, A. J., & Peroni, N. (2015). Cultural landscapes of the Araucaria Forests in the northern plateau of Santa Catarina, Brazil. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, 11(1), 1–14. https://doi.org/10.1186/s13002-015-0039-x
- Monteiro, R.F. 2020. Bromelia in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB5956>. Acesso em: 24 mar. 2021

- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Santos, L., Viel, A. M., Tarosso, L. F., Momesso, L. da S., Palmieri, D. A., & Spera, K. D. (2020). Medicinal plants of the brazilian cerrado: Knowing to preserve. Bioscience Journal, 36(2), 556–567. https://doi.org/10.14393/BJ-v36n2a2020-42748
- Stumpf, E. R. T., Silva, P. D. S., Romagnoli, I. D., Fischer, S. Z., & Mariot, M. P. (2015). Espécies nativas que podem substituir as exóticas no paisagismo. Ornamental Horticulture, 21(2), 165. https://doi.org/10.14295/aohl.v21i2.663

13. *Paullinia cupana* Kunth

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Alimentos regionais brasileiros/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. – 1. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- Cajaiba, R. L., Silva, W. B. da, Sousa, R. D. N. de, & Sousa, A. S. de. (2016). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Uruará, Pará, Brasil. Biotemas, 29(1), 115. https://doi.org/10.5007/2175-7925.2016v29n1p115
- Escobar, J. (1977). Estimativa da variação do nũmero de flores femininas efetivas fo guaranaziero. Pesquisa Agropecuaria Brasileira (Brasilia, 1977), 20(12), 1365–1371.
- Gondim, C. J. E. (1984). Alguns aspectos da biologia reprodutiva do guaranazeiro (Paullinia cupana var. sorbxlis (Mart.) Ducke - Sapindaceae. Acta Amazonica, 14(1–2), 9–38.
- Koleva, V., Dragoeva, A., Nanova, Z., Koynova, T., & Dashev, G. (2015). An ethnobotanical study on current status of some medicinal plants used in Bulgaria. Int.J.Curr.Microbiol.App.Sci, 4(4), 297–305.
- Lanini, J., Duarte-Almeida, J. M., Nappo, S., & Carlini, E. A. (2009). “O que vêm da terra não faz mal”: relatos de problemas relacionados ao uso de plantas medicinais por raizeiros de Diadema/SP. Revista Brasileira de Farmacognosia, 19(1a), 121–129. https://doi.org/10.1590/s0102-695x2009000100022
- Pasa, M. C. (2011). Saber local e medicina popular: A etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Boletimdo Museu Paraense Emilio Goeldi:Ciencias Humanas, 6(1), 179–196. https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100011
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Ribeiro, G. de O., Morais, R. R. de, Gonçalve, J. F. de C., Oliveira, E. R. N., Campos, F. C., & Santos, A. L. W. dos. (2007). Aspectos fenológicos de espécies constituintes de um sistema agroflorestal na Amazônia Central. Revista Brasileira de Biociências, 5(S2), pg. 282-284.
- Rodrigues, S., Caetano, D. G., & Caetano, C. M. (2007). Espécies frutíferas do centro-sul do Estado de Rondônia, Amazônia brasileira. Acta Agron (Colombia), 56(2), 69–74.
- Somner, G.V.; Medeiros, H. 2020. Paullinia in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB24714>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Tfouni, S. A. V., Camargo, M. C. R., Vitorino, S. H. P., Menegário, T. F., & Toledo, M. C. de F. (2007). Contribuição do guaraná em pó (Paullinia cupana) como fonte de cafeína na dieta. Revista de Nutrição, 20(1), 63–68. https://doi.org/10.1590/s1415-52732007000100007

14. *Solanum torvum* Sw.

- Arya, O. P., Pandey, A., & Samal, P. K. (2017). Ethnobotany and nutritional importance of four selected medicinal plants from Eastern Himalaya , Arunachal Pradesh. Journal of Medicinal Plants Studies, 5(1), 45–49.
- Asase, A., Akwetey, G. A., & Achel, D. G. (2010). Ethnopharmacological use of herbal remedies for the treatment of malaria in the Dangme West District of Ghana. Journal of Ethnopharmacology, 129(3), 367–376. https://doi.org/10.1016/j.jep.2010.04.001

- Asiedu-Darko, E. (2010). A survey of indigenous knowledge about food and medicinal properties of Solanum torvum in East Akim District of Eastern Region of Ghana. Ghana Journal of Agricultural Science, 43(1), 61–64.

- Bean, A. R. (2004). The taxonomy and ecology of Solanum subg. Leptostemonum (Dunal) Bitter (Solanaceae) in Queensland and far north-eastern New South Wales, Australia. Austrobaileya, 6(4), 639–816.

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Alimentos regionais brasileiros/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. – 1. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

- Challal, S., Buenafe, O. E. M., Queiroz, E. F., Maljevic, S., Marcourt, L., Bock, M., Kloeti, W., Dayrit, F. M., Harvey, A. L., Lerche, H., Esguerra, C. V., De Witte, P. A. M., Wolfender, J. L., & Crawford, A. D. (2014). Zebrafish bioassay-guided microfractionation identifies anticonvulsant steroid glycosides from the Philippine medicinal plant Solanum torvum. ACS Chemical Neuroscience, 5(10), 993–1004. https://doi.org/10.1021/cn5001342

- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.

- Leonti, M., Vibrans, H., Sticher, O., & Heinrich, M. (2010). Ethnopharmacology of the Popoluca, Mexico: an evaluation. Journal of Pharmacy and Pharmacology, 53(12), 1653–1669. https://doi.org/10.1211/0022357011778052

- Mahapatra, A. K., Mishra, S., Basak, U. C., & Panda, P. C. (2012). Nutrient analysis of some selected wild edible fruits of deciduous forests of India: An explorative study towards non conventional bio-nutrition. Advance Journal of Food Science and Technology, 4(1), 15–21.

- Nasution, A., Chikmawati, T., Walujo, E., & Zuhud, E. (2018). Ethnobotany of MandailingTribe in Batang Gadis National Park. Journal of Tropical Life Science, 8(1), 48–54. https://doi.org/10.11594/jtls.08.01.09

- Nguta, J. M., Appiah-Opong, R., Nyarko, A. K., Yeboah-Manu, D., Addo, P. G. A., Otchere, I., & Kissi-Twum, A. (2016). Antimycobacterial and cytotoxic activity of selected medicinal plant extracts. Journal of Ethnopharmacology, 182, 10–15. https://doi.org/10.1016/j.jep.2016.02.010

- Nyadanu, D., & Lowor, S. T. (2015). Promoting competitiveness of neglected and underutilized crop species: comparative analysis of nutritional composition of indigenous and exotic leafy and fruit vegetables in Ghana. Genetic Resources and Crop Evolution, 62(1), 131–140. https://doi.org/10.1007/s10722-014-0162-x

- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.

- Ramamurthy, C. H., Kumar, M. S., Suyavaran, V. S. A., Mareeswaran, R., & Thirunavukkarasu, C. (2012). Evaluation of Antioxidant, Radical Scavenging Activity and Polyphenolics Profile in Solanum torvum L. Fruits. Journal of Food Science, 77(8). https://doi.org/10.1111/j.1750-3841.2012.02830.x

- Sajeev, K. K., & Sasidharan, N. (1997). Ethnobotanical observations on the tribals of chinnar wildlife sanctuary. Ancient Science of Life, 16(4), 284–292. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22556803%0Ahttp://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=PMC3331175

- Shrestha, P. (1988). Contibutions to the Ethnobotany of the Tamangs of Kathmandu Valley. In Contribution to Nepalese Studies (Vol. 15, Issue 2, pp. 247–267).

- Solanum in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB14877>. Acesso em: 24 mar. 2021

15. *Cereus jamacaru* DC.

- Albergaria, E. T. de, Silva, M. V. da, & Silva, A. G. da. (2019). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em comunidades rurais do município de Lagoa Grande, Pernambuco, Brasil. Revista Fitos, 13(2), 137–154. https://doi.org/10.17648/2446-4775.2019.713

- Alves, C. M., & Lucena, C. M. De. (2014). Ethnobotanical study of useful vegetal species in two rural communities in the semi-arid region of Paraíba state (Northeastern Brazil). Boletim Do Museu de Biologia Mello Leitão, 34(April), 75–96.

- Andrade, C. T. ., Marques, J. G. ., & ZAPPI, D. . (2006). Utilização medicinal de cactáceas por sertanejos baianos. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 8(3), 36–42. https://www.researchgate.net/publication/283355113
- Coradin, L.; Camillo, J.; Pareyn, F. G. C. (Ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>, Acesso em: 05 jan 2021.
- Costa, P. M. de A., Souza, V. C., Costa, V. S., Barros, E. S., & Oliveira, I. S. da S. (2020). Fenofases reprodutivas em uma população de mandacaru (Cereus jamacaru) e facheiro (Pilosocereus pachycladus subsp. pernambucensis) (Cactaceae). Brazilian Journal of Development, 6(5), 30536–30545. https://doi.org/10.34117/bjdv6n5-493
- Filho, E. S. B., Santana, M. C. de, Santos, P. A. A., & Ribeiro, A. de S. (2018). Levantamento etnobotânico da família Cactaceae no estado de Sergipe. Revista Fitos, 12(1), 41–53. https://doi.org/10.5935/2446-4775.20180005
- Gomes, V., Quirino, Z., & Araujo, H. (2014). Frugivory and seed dispersal by birds in Cereus jamacaru DC. ssp. jamacaru (Cactaceae) in the Caatinga of Northeastern Brazil. Brazilian Journal of Biology, 74(1), 32–40. https://doi.org/10.1590/1519-6984.15312
- Kobisi, K., Seleteng-Kose, L., & Moteetee, A. (2019). Invasive alien plants occurring in Lesotho: Their ethnobotany, potential risks, distribution and origin. Bothalia, 49(1). https://doi.org/10.4102/abc.v49i1.2453
- Lima-Nascimento, A. M., Bento-Silva, J. S., de Lucena, C. M., & de Lucena, R. F. P. (2019). Ethnobotany of native cacti in the northeast region of Brazil: Can traditional use infl uence availability? Acta Botanica Brasilica, 33(2), 350–359. https://doi.org/10.1590/0102-33062019abb0166
- Lucena, C. M. de, Costa, G. G. da S., Carvalho, T. K. N., Guerra, N. M., Quirino, Z. G. M., & Lucena, R. F. P. de. (2012). Uso e conheciemnto de cactáceas no município de são mamede (Paraíba, Nordeste do Brasil). Biofar, Especial, 121–134.
- Lucena, C. M., Ribeiro, J. E. S., Nunes, E. N., Meiado, M. V., Quirino, Z. G. M., Casas, A., & Lucena, R. F. P. (2015). Distribuição local de Cereus jamaracu DC. subsp. jamaracu e Pilosocereus pachycladus F. Ritter subsp. pernambucoensis (F. Ritter) Zappi (Cactaceae) e sua relação com uma comunidade rural no município do Congo, Paraíba. Gaia Scientia, 9(2), 97–103.
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Silva, A. J. da R., & Andrade, L. de H. C. (2005). Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 19(1), 45–60. https://doi.org/10.1590/s0102-33062005000100006
- Silva, C. G., Marinho, M. G. V., Lucena, M. F. A., & Costa, J. G. M. (2015). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do ítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 17(1), 133–142. https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_055
- Zappi, D.; Taylor, N.P. 2020. Cactaceae in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB1447>. Acesso em: 23 ago. 2021

16. *Talinum paniculatum* (Jacq.) Gaertn.

- Biondo, E., Fleck, M., Kolchinski, E. M., Sant'Anna, V., & Polesi, R. G. (2018). Diversidade e potencial de utilização de plantas alimentícias não convencionais no Vale do Taquari,RS. Revista Eletrônica Científica Da UERGS, 4(1), 61–90. https://doi.org/10.21674/2448-0479.41.61-90
- Botrel, N., Freitas, S., Fonseca, M. J. de O., Melo, R. A. de C. e, & Madeira, N. (2020). Valor nutricional de hortaliças folhosas não convencionais cultivadas no Bioma Cerrado. Brazilian Journal of Food Technology, 23, 1–8. https://doi.org/10.1590/1981-6723.17418
- Carrizo, E. del V., Palacio, M. O., & Roic, L. D. (2002). Plantas de uso medicinal en la flora de los arredores de la Ciudad de Santiagodel Estero (Argentina). Dominguezia, 18(1), 10.

- Conde, B. E., de Siqueira, A. M., Rogério, I. T. S., Marques, J. S., Borcard, G. G., Ferreira, M. Q., Chedier, L. M., & Pimenta, D. S. (2014). Synergy in ethnopharmacological data collection methods employed for communities adjacent to urban forest. Revista Brasileira de Farmacognosia, 24(4), 425–432. https://doi.org/10.1016/j.bjp.2014.06.001
- Coradin, L.; Camillo, J.; Pareyn, F. G. C. (Ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>, Acesso em: 05 jan 2021.
- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.
- Hassemer, G. 2020. Talinaceae in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB20629>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Hong, L., Guo, Z., Huang, K., Wei, S., Liu, B., Meng, S., & Long, C. (2015). Ethnobotanical study on medicinal plants used by Maonan people in China. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, 11(1), 34. https://doi.org/10.1186/s13002-015-0019-1
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Silva, G. C., & Lucas, F. C. A. (2019). Ribeirinhos e a hidrelétrica belo monte: A desterritorialização e influências no cultivo de plantas alimentícias. Ambiente & Sociedade, 22, 26. https://www.scielo.br/pdf/asoc/v22/pt_1809-4422-asoc-22-e02961.pdf

17. ***Pereskia grandifolia*** **Haw.**

- Almeida, M. E. F., & Corrêa, A. D. (2012). Utilização de cactáceas do gênero pereskia na alimentação humana em um município de minas gerais. Ciencia Rural, 42(4), 751–756. https://doi.org/10.1590/S0103-84782012000400029
- Barreira, T. F., Paula Filho, G. X., Rodrigues, V. C. C., Andrade, F. M. C., Santos, R. H. S., Priore, S. E., & Pinheiro-Sant'ana, H. M. (2015). Diversidade e equitabilidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais na zona rural de Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 17(4), 964–974. https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_100
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Alimentos regionais brasileiros/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. – 1. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- Kinupp, V.F.; Lorenzi, H. (2014) Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p.
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Silveira, M. G., Picinin, C. T. R., Cirillo, M. Â., Freire, J. M., & Barcelos, M. D. F. P. (2020). Nutritional assay pereskia spp.: Unconventional vegetable. Anais Da Academia Brasileira de Ciencias, 92, 1–16. https://doi.org/10.1590/0001-3765202020180757
- Vásquez, S. P. F., de Mendonça, M. S., & Noda, S. do N. (2014). Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. Acta Amazonica, 44(4), 457–472. https://doi.org/10.1590/1809-4392201400423
- Zappi, D.; Taylor, N.P. 2020. Cactaceae in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB1636>. Acesso em: 24 mar. 2021

18. ***Eugenia uniflora*** **L.**

- Alves, E. O., Mota, J. H., Soares, T. S., Vieira, M. do C., & Silva, C. B. da. (2008). Levantamento etnobotânico e caracterização de plantas medicinais em fragmentos florestais de Dourados-MS. Ciência e Agrotecnologia, 32(2), 651–658. https://doi.org/10.1590/s1413-70542008000200048

- Barros, F. M. C., Pereira, K. N., Zanetti, G. D., & Heinzmann, B. M. (2007). Plantas de uso medicinal no Município de São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. Latin American Journal of Pharmacy, 26(5), 652–662.

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. Alimentos regionais brasileiros/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. – 1. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

- Calábria, L., Cuba, G. T., Hwang, S. M., Marra, J. C. F., Mendonça, M. F., Nascimento, R. C., Oliveira, M. R., Porto, J. P. M., Santos, D. F., Silva, B. L., Soares, T. F., Xavier, E. M., Damasceno, A. A., Milani, J. F., Rezende, C. H. A., Barbosa, A. A. A., & Canabrava, H. A. N. (2008). Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 10(1), 49–63.

- Coradin, L.; Siminski, A.; Reis, A. (Ed.) Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade/fauna-e-flora/Regiao_Sul.pdf> Acesso em: 05 jan 2021.

- Coradin, L.; Camillo, J.; Pareyn, F. G. C. (Ed.). Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>, Acesso em: 05 jan 2021.

- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.

- Figueiredo, G. M., Leitão-Filho, H. F., & Begossi, A. (1993). Ethnobotany of Atlantic Forest coastal communities: Diversity of plant uses in Gamboa (Itacuruçá island, Brazil). Human Ecology, 21(4), 419–430. https://doi.org/10.1007/BF00891142

- Figueiredo, G. M., Leitão-Filho, H. F., & Begossi, A. (1997). Ethnobotany of Atlantic Forest Coastal Communities: II. Diversity of Plant Uses at Sepetiba Bay (SE Brazil). Human Ecology, 25(2), 353–360. https://doi.org/10.1023/A:1021934408466

- Fonseca-Kruel, V. S. da, & Peixoto, A. L. (2004). Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 18(1), 177–190. https://doi.org/10.1590/s0102-33062004000100015

- Justen, J. G. K., Toresan, L., Catarina, T., Neri, H., & Dalenogare, S. (2013). Uso de plantas nativas alimentícias em Santa Catarina. Revista Agropecuária Catarinense, 26(2), 92–96.

- Marchioretto, M. S., Mauhs, J., & Budke, J. C. (2007). Fenologia de espécies arbóreas zoocóricas em uma floresta psamófila no sul do Brasil. Acta Botanica Brasilica, 21(1), 193–201. https://doi.org/10.1590/s0102-33062007000100018

- Marques, M. C. M., Roper, J. J., & Baggio Salvalaggio, A. P. (2004). Phenological patterns among plant life-forms in a subtropical forest in southern Brazil. Plant Ecology, 173(2), 191–201. https://doi.org/10.1023/B:VEGE.0000029325.85031.90

- Mazine, F.F.; Valdemarin, K.S.; Bünger, M.; Faria, J.E.Q.; Fernandes, T.; Giaretta, A.; Santana, K.C.; Sobral, M.; Souza, M.A.D. 2020. Eugenia in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB10560>. Acesso em: 24 mar. 2021

- Medeiros, M. F. T., da Fonseca, V. S., & Andreata, R. H. P. (2004). Plantas medicinais e seus usos pelos sitiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 18(2), 391–399. https://doi.org/10.1590/S0102-33062004000200019

- Moreira, R. de C. T., Costa, L. C. do B., Costa, R. C. S., & Rocha, E. A. (2002). Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. Acta Farmaceutica Bonaerense, 21(3), 205–211.

- Nzeagwu, O. C. & Onimawo, I. A. (2010). Nutrient Composition and Sensory Properties of Juice Made From Pitanga Cherry. African Juornal of Food, Agriculture, Nutrition and Development, 10(4), 2379–2394.

- Pasa, M. C. (2011). Saber local e medicina popular: A etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Boletimdo Museu Paraense Emilio Goeldi:Ciencias Humanas, 6(1), 179–196. https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100011

- Porcu, O. M., & Rodriguez-Amaya, D. B. (2008). Variation in the carotenoid composition of the lycopene-rich Brazilian fruit Eugenia uniflora L. Plant Foods for Human Nutrition, 63(4), 195–199. https://doi.org/10.1007/s11130-008-0085-9

- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.

- Rossato, S. C., Leitão-Filho, H. D. F., & Begossi, A. (1999). Ethnobotany of Caicaras of the Atlantic Forest coast (Brazil). Economic Botany, 53(4), 387–395. https://doi.org/10.1007/BF02866716
- SiBBr (Sistema de informação sobre a biodiversidade brasileira) 2018. Biodiversidade&Nutrição. Pitanga, fruto inteiro, cru. Disponível em: https://ferramentas.sibbr.gov.br/ficha/bin/view/FN/ShortName/770_pitanga_fruto_inteiro_cru Acesso em: 20 jun de 2021.
- Silva, A. L. G. da, & Pinheiro, M. C. B. (2007). Biologia floral e da polinização de quatro espécies de Eugenia L. (Myrtaceae). Acta Botanica Brasilica, 21(1), 235–247. https://doi.org/10.1590/s0102-33062007000100022
- Souza, G. C., Haas, A. P. S., Von Poser, G. L., & Elisabetsky, E. (2004). Farmácias caseiras comunitárias do município de Maquiné (RS): uma avaliação etnofarmacológica. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 6(2), 83–91.
- Vendruscolo, G. S., & Mentz, L. A. (2006). Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 20(2), 367–382. https://doi.org/10.1590/S0102-33062006000200012

19. *Bixa orellana* L.

- Antar, G.M. 2020. Bixaceae in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB5745>. Acesso em: 24 mar. 2021
- Balan, D. de S. L. (2017). Corantes naturais de aplicação têxtil: avaliação preliminar da toxicidade de urucum Bixa orellana L. (Malvales: Bixaceae) e hibisco Hibiscus sabdariffa L. (Malvales: Malvaceae). Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade, 4(7), 151–157. https://doi.org/10.21438/rbgas.040715
- Coimbra Jr., C. E. A. (1983). Estudos de Ecologia Humana entre os Suruí do parque indígena Aripuanã, Rondônia: 1. O uso de larvas de Coleópteros (Bruchidae e Curculionidae) na alimentação. Revista Brasileira de Zoologia, 2(2), 35–47. https://doi.org/10.1590/s0101-81751983000200001
- Coutinho, D. F., Travassos, L. M. A., & Do Amaral, F. M. M. (2002). Estudo Etnobotânico De Plantas Medicinais Utilizadas Em Comunidades Indígenas No Estado Do Maranhão - Brasil. Visão Acadêmica, 3(1), 7–12. https://doi.org/10.5380/acd.v3i1.493
- Donkin, R. a. (1974). Bixa orellana: "The Eternal Shrub." Anthropos, 69(1974), 33–56.
- Lemos, J. R., & Araujo, J. L. (2015). Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. Biotemas, 28(2), 125. https://doi.org/10.5007/2175-7925.2015v28n2p125
- Macedo, M., & Ferreira, A. R. (2004). Plantas medicinais usadas para tratamentos dermatológicos, em comunidades da Bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso. Revista Brasileira de Farmacognosia, 14, 40–44. https://doi.org/10.1590/s0102-695x2004000300016
- Monteles, R., & Pinheiro, C. U. B. (2007). Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. Revista de Biologia e Ciências Da Terra, 7(2), 38–48.
- Moreira, R. de C. T., Costa, L. C. do B., Costa, R. C. S., & Rocha, E. A. (2002). Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. Acta Farmaceutica Bonaerense, 21(3), 205–211.
- Pasa, M. C., Soares, J. J., & Neto, G. G. (2005). Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). Acta Botanica Brasilica, 19(2), 195–207. https://doi.org/10.1590/S0102-33062005000200001
- POWO (2021). Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; http://www.plantsoftheworldonline.org/ Retrieved 10 August 2021.
- Silva, A. J. da R., & Andrade, L. de H. C. (2005). Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. Acta Botanica Brasilica, 19(1), 45–60. https://doi.org/10.1590/s0102-33062005000100006
- Uuh-Narváez, J. J., González-Tamayo, M. A., & Segura-Campos, M. R. (2021). A study on nutritional and functional study properties of Mayan plant foods as a new proposal for type 2 diabetes prevention. Food Chemistry, 341, 128247. https://doi.org/10.1016/j.foodchem.2020.128247

20. *Sida rhombifolia* L.

- Ayme, Y. M. (2011). Estudio etnobotánico y etnofarmacólogico de plantas medicinales de Tambopata, Madre de Dios, Perú. Ciencia y Desarrollo, 14, 7. https://doi.org/10.21503/cyd.v14i0.1140

- Balakrishnan, V., Prema, P., Ravindran, K. C., & Robinson, J. P. (2009). Ethnobotanical Studies among Villagers from Dharapuram Taluk, Tamil Nadu, India. Global Journal of Pharmacology, 3(1), 08–14.

- Bovini, M.G. 2020. Sida in Flora do Brasil, 2020 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB9234>. Acesso em: 24 mar. 2021

- Corrêa, M. Pio. Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro. Impr. Nacional, 1926-1975. 6v., il., ret., 33cm.

- Gopinath, R., Ganesan, K., Saravanakumar, S. S., & Poopathi, R. (2016). Characterization of new cellulosic fiber from the stem of Sida rhombifolia. International Journal of Polymer Analysis and Characterization, 21(2), 123–129. https://doi.org/10.1080/1023666X.2016.1117712

- Noelli, F. S. (1998). Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia Guarani através de informações históricas. Diálogos, May 2010, 177–199. https://doi.org/10.4025/dialogos.v2i1.328

- Olowokudejo, J., Kadiri, A., & Travih, V. (2008). An ethnobotanical survey of herbal markets and medicinal plants in Lagos state of Nigeria. Ethnobotanical Leaflets, 12, 851–865. http://opensiuc.lib.siu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1151&context=ebl

- Prusti, A. B., & Behera, K.K. (2007). Ethnobotanical Exploration of Malkangiri District of Orissa, India. Ethnobotanical Leaflets, 11, 122–140. http://opensiuc.lib.siu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=ebl

- Shukla, A. N., Srinivastan, S., & Rawat, A. K. S. (2010). An ethnobotanical study of medicinal plants of Rewa district, Madhya Pradesh. Indian Journal of Traditional Knowledge, 9(1), 191–202.

- Singh, A. K., Raghubanshi, A. S., & Singh, J. S. (2002). Medical ethnobotany of the tribals of Sonaghati of Sonbhadra district, Uttar Pradesh, India. Journal of Ethnopharmacology, 81(1), 31–41. https://doi.org/10.1016/S0378-8741(02)00028-4

- Tantiado, R. G. (2012). Survey on ethnopharmacology of medicinal plants in Iloilo, Philippines. International Journal of Bio-Science and Bio-Technology, 4(4), 11–26.

Como discutir biodiversidade alimentícia em jardins botânicos com base em metas globais de sustentabilidade ?

- BRASIL, Portaria nacional n °. 284 de 2018. Lista de espécies da sociobiodiversidade. Diário Oficial da União, p. 92. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=10/07/2018&jornal=515&pagina=92&totalArquivos=107 Acesso em: 30 out de 2020.
- BRASIL, Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs

Como citar essa obra:

Neves, M.E.R., Fonseca-Kruel, V.S., Boscolo, O.H. Plantas alimentícias & medicinais: uma coleção viva e de uso múltiplo no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2021.

Agradecimentos: A Universidade Federal Fluminense (UFF) e ao Laboratório de Botânica Econômica e Etnobotânica (LABOTEE).